

THOT



UMA PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA

Nº 55 1992 Cr\$ 4.200,00

**GANHAR
DINHEIRO
SEM PERDER
A ALMA**

**A CRIATIVIDADE
DOS SONHOS**

**MUDANÇAS
SOCIAIS
SEM VIOLENCIA**

AS MÁSCARAS DE DEUS



ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA

CENTRO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS

SEDE CENTRAL

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso - São Paulo - SP
CEP. 04003 - Tel.: (011) 288.7356 e 283.0867

GRÁFICA E EDITORA PALAS ATHENA

Rua José Bento, 384 - Cambucí - São Paulo - SP
CEP. 01523 - Tel.: (011) 279.6288 e 270.6979

CENTRO PEDAGÓGICO CASA DOS PANDAVAS

Bairro do Souza - Município de Monteiro Lobato - SP - CEP. 12250

CENTRO DE ESTUDOS PALAS ATHENA (Bauru)

Rua 13 de Maio, 12/16 - Bauru - SP
CEP. 17015 - Tel.: (0142) 23.4424

CENTRO DE ESTUDOS PALAS ATHENA (Santos)

Rua Joaquim Távora, 80 - Santos - SP - CEP. 11065

THOT



é uma publicação multidisciplinar da Associação Palas Athena. O seu nome é a forma grega de uma antiga divindade egípcia padroeira dos escribas e dos matemáticos, criadora da escrita, fundadora da ordem social, intérprete e conselheira dos deuses. Geralmente representado com a cabeça de íbis, Thot manifesta a essência do pensamento criador.

THOT Nº55/1992

tiragem: 6.000 exemplares

EDITORES

Associação Palas Athena do Brasil

Lia Diskin

Basilio Pawlowicz

Primo Augusto Gerbelli

EDITOR DE TEXTO

Graciela Karman

REVISÃO

Lia Diskin, Lúcia Cardozo de Mello,

Therezinha Siqueira Campos

EQUIPE THOT

Carmen Fischer, George Barcat,

Isabel Cristina M. de Azevedo,

Lucia Benfatti Marques, Maria do

Carmo de Oliveira, Maria Helena

Zockun, Maria Léa Schwarcz,

Nilton Almeida Silva, Roberto Ziemer,

Odette Lara, Verônica Rapp de Eston

EDITOR DE ARTE

Roberto Sanz

PRODUÇÃO

Basilio Pawlowicz, Emilio Moufarrige,

Sérgio Marques

IMPRESSÃO E DISTRIBUIÇÃO

Gráfica e Editora Palas Athena

FOTOLITO CAPA

Binho's Fotolito

ASSINATURAS

Collaço Veras

COLABORADORES

Álvaro Celso Guimarães (Bélgica)

Conrad Richter (Canadá)

Dulce Catunda (EUA)

Françoise Trapenard (França)

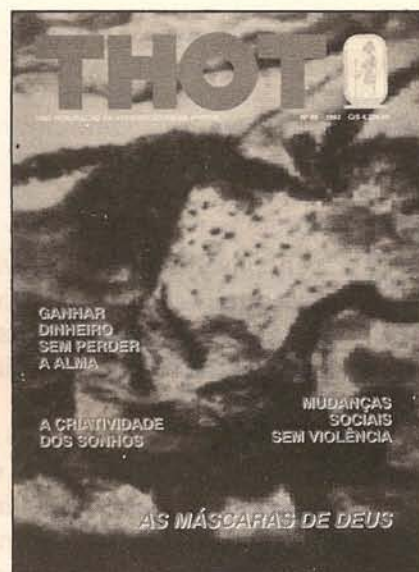
Henryk Skolimowski (EUA)

Maria Cristina Flores (Argentina)

Manoel Vidal, Pierre Weil (Brasil)

Tica Broch (Suíça)

Não há passado cujos feitos não estejam, de uma ou outra maneira, ecoando no presente. A nossa capa ilustra isso – uma pintura rupestre das cavernas de Lascaux ainda ecoa em nossos computadores através de imagem digitalizada.



Índice

Editorial	2
Ganhar dinheiro sem perder a alma	3
<i>Entrevista com Jacob Needleman</i>	
Crise e transformação	10
<i>Eliaana Bertolucci</i>	
Escorpião, o signo da mudança	16
<i>Cid Marcus</i>	
As máscaras de Deus	20
<i>Joseph Campbell</i>	
Sonhar resolve ?	22
<i>Stanley Krippner</i>	
Paz no mundo	26
<i>Chagdud Tulku Rinpoche</i>	
A tristeza de Platão	29
<i>George Barcat</i>	
Ecologia, como uma religião	36
<i>Henryk Skolimowski</i>	

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida a reprodução, citando a origem. Os números atrasados são vendidos conforme a última tabela de preços publicada pela Editora Palas Athena. Assinatura por 4 (quatro) números: Cr\$ 16.800,00 (dezesseis mil e oitocentos cruzeiros)-preço sujeito a alteração sem aviso prévio - cheque em nome da Associação Palas Athena do Brasil, Rua Leôncio de Carvalho, 99 (Paraíso), CEP 04003, São Paulo, SP. fones: (011) 288.7356 e 283.0867. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula nº 2046. Registro no DDCP do Departamento de Polícia Federal sob nº 1586 P 290/73.

Editorial

Inconseqüência. Passividade. Substantivos desse tipo são usados com muita freqüência para qualificar o brasileiro. Não cabe aqui contestar a autoridade de quem os usa. O que, sim, gostaríamos de deixar assentado, é que este exemplar da THOT que você tem nas mãos é fruto da conseqüência e diligência dos nossos leitores e assinantes.

Nossas últimas edições sofreram atrasos constantes, em grande parte devido à precariedade de recursos materiais e à natureza da equipe editorial – todos voluntários. Recebemos dezenas, centenas de reclamações, por carta, telefone, pessoalmente. Foram essas reclamações que nos incentivaram a encontrar uma solução para os atrasos, pois nos deram a medida da receptividade desta publicação: os leitores esperam cada edição e, se ela não aparece, sentem falta – chame-se isso de inconseqüência!

A equipe editorial é exatamente a mesma desde o primeiro número, publicado em setembro de 1975, e muitos dos colaboradores daquela época ainda fazem parte da redação.

Dezessete anos se passaram. Crescemos juntos, a THOT e nós. Hoje, sabemos que as intenções, por mais sinceras e altruístas, não bastam – é necessário ativar meios competentes para traduzí-las em fatos. Assim, ao trabalho dos voluntários somamos a eficiência dos profissionais que, sem sombra de dúvida, enriqueceram as feições da nossa THOT.

As mudanças, no entanto, conservaram intato seu espírito. Mais do que nunca, o intuito é:

- *aproximar o leitor das grandes questões filosóficas, que não são apenas teóricas, mas existenciais, viscerais, e se embrenham nos anseios mais legítimos de crescimento e transcendência;*
- *apresentar diferentes visões de mundo, sem buscar nelas outro denominador comum a não ser o da inesgotável criatividade humana;*
- *pensar e repensar a vida, as tradições, as culturas e seus valores;*
- *descortinar símbolos e mitos que fazem da humanidade um projeto em aberto, onde quedas e ascensões constituem o respirar desse organismo vivo;*
- *aprimorar nossas perguntas, de modo que nenhuma resposta possa tornar-se definitiva.*

Obrigados pelas reclamações, caro leitor. Esperamos contar sempre com elas.

Os editores

E N T R E V I S T A

GANHAR DINHEIRO SEM PERDER A ALMA

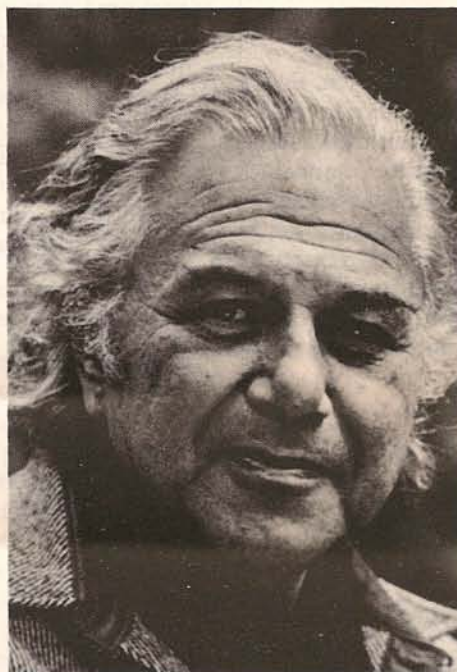
O filósofo Jacob Needleman afirma que o homem é o único ser com duas naturezas: uma no mundo da ação e outra espiritual, e enfatiza a necessidade de viver plenamente as duas realidades.

O último livro do filósofo Jacob Needleman trata do dinheiro e seu poder de moldar nossa cultura e nossa própria alma. Ele diz que seus escritos se destinam a pessoas como ele, desejosas de voltar às questões básicas da existência: quem sou? Porque estou na terra? Como dar sentido a minha vida?

Pesquisador e professor de filosofia e religiões comparadas na Universidade de São Francisco, Needleman concedeu esta entrevista ao jornalista norte-americano Bill Moyers. Ela faz parte do livro *The World of Ideas* (Doubleday) que reúne entrevistas de Moyers com personalidades proeminentes de nosso tempo em diversas áreas de atuação.

BILL MOYERS: O senhor passou grande parte de sua vida brigando com as grandes idéias da religião e da filosofia. Por que agora está escrevendo sobre dinheiro?

JACOB NEEDLEMAN: Porque hoje o dinheiro entra em todos os aspectos da vida humana.



Muito mais do que em qualquer outra cultura do passado, o dinheiro está em tudo. Temos que lidar com questões financeiras, não importa o que estejamos fazendo.

MOYERS: Em um seminário recente o senhor afirmou que hoje o dinheiro é um assunto mais íntimo do que o sexo.

NEEDLEMAN: Nas gerações mais velhas, havia muita ambigüidade e hipocrisia sobre sexo. As pessoas não falavam sobre isso. Hoje em dia, após dois minutos de conversa com a maioria das pessoas a gente, se quiser, saberá mais de

suas vidas sexuais do que gostaria. Mas experimente perguntar a alguém quanto dinheiro tem. Aí está! Esse é o maior segredo, a parte mais íntima da vida de muita gente.

MOYERS: E o senhor diz que nossa cultura está submersa no dinheiro.

NEEDLEMAN: Completamente. Queremos dinheiro mais que qualquer outra coisa; mas as coisas que podemos comprar não nos trazem mais alegria. Lar, família, educação, via-

gens, arte, a busca de conhecimento. Todos esses aspectos da vida humana, para a satisfação dos quais o dinheiro deveria servir de meio, estão sendo cada vez mais drenados de seu significado intrínseco. E a única coisa que resta com significado é o meio em si. O dinheiro se torna mais vívido, mais intenso do que qualquer das experiências que ele nos traz.

MOYERS: *Pode-se ver isso na arte, onde grandes somas são pagas, não pelo prazer, não pelo que obtemos dela, mas porque arte é uma mercadoria a ser comprada e vendida.*

NEEDLEMAN: Achamos muito difícil olhar para as coisas apenas pelo que elas são, especialmente se algo custa 40 milhões de dólares. É muito difícil não ser influenciado pelos 40 milhões de dólares. Ou mesmo por 4 milhões. Ou mesmo por 400 dólares. Os dólares são o que importa. Assim, o mundo da arte foi, realmente, devorado pelo dinheiro.

MOYERS: *Seria justo dizer que o dinheiro se transformou no principal representante da força vital?*

NEEDLEMAN: Sim. Eu penso que sim. É o que todos querem, em todos os lugares. É o que todos nós temos em comum. Alguém observou que a Terceira Guerra Mundial está sendo travada no campo de batalha financeiro. É o dinheiro que está fazendo as coisas girarem entre o Japão e os Estados Unidos e, agora, Europa Oriental. Não é notável a quantidade de coisas que têm acontecido na Europa Oriental sem derramamento de sangue? Isso tem a ver com o fato de que a economia está movendo coisas.

MOYERS: *Isso é realmente novo? A busca do homem não girou sempre em torno da aquisição de riqueza, e do conforto, privilégios e proteção que a riqueza podia trazer?*

NEEDLEMAN: Sim. Sempre houve ambição, sempre houve avareza. Sempre houve o problema de pessoas querendo mais do que precisam. Isso causou mais problemas para a raça humana do que qualquer outro fator. Mas as culturas sempre quiseram ter outras coisas também. Elas queriam honra. Queriam poder. Amor. Respeito. Beleza. Contudo, é difícil dizer que nossa cultura, agora, queira qualquer outra coisa tanto quanto dinheiro.

Percorrendo um museu percebe-se a tremenda energia que tem sido colocada na criação de obras de arte. A maior parte dessa energia foi aplicada na estrutura financeira. Temos uma incrível estrutura financeira em nosso país. Não acredito que alguma outra cultura tenha tido uma estrutura financeira tão desenvolvida quanto a América. Alguém disse que a função da América tem

sido proteger o mundo pelo dinheiro.

Penso que há um lado negativo nisso tudo, mas devemos tentar evitar a hipocrisia a respeito do dinheiro, e levá-lo a sério. Ele é uma força. Acho que as pessoas precisam levá-lo muito a sério e reconhecer que é uma força, e que é através desse elemento chamado dinheiro que as coisas realmente acontecem na vida. A arte de viver está em se engajar no jogo do dinheiro sem ser devorado por ele. E é isso o que eu venho explorando em todo meu trabalho.

MOYERS: *De que modo a busca do dinheiro afeta nossa compreensão do ser?*

NEEDLEMAN: Bem, aí é onde está a ação agora. Se nós vamos viver no mundo, temos que viver no mundo. Em nossos dias, em nossa era, estar no mundo é estar envolvido com dinheiro. Não importa o que você faça ou quem você seja, você estará envolvido com dinheiro. Não há mais cavernas para nos refugiarmos. Se você quiser ir a uma caverna, precisará de um corretor de imóveis que encontre uma para você. Terá que pagar impostos sobre ela. A questão é como separar tudo o que está envolvido com dinheiro da busca de si mesmo. É insano fugir disso. É impossível. Mas temos que nos voltar para isso sem sermos logrados. Em outras palavras, o mundo do dinheiro tem o poder de nos lograr, levando-nos a pensar que ele é realmente a coisa mais importante.

MOYERS: *O senhor escreveu que nossa caça ao dinheiro nos faz, de certo modo, viver como animais?*

NEEDLEMAN: Pensava na tradição budista, pela qual o mundo animal é o nível logo abaixo do mundo humano. O animal está constantemente procurando comida, constantemente pilhando outros animais. E nós estamos procurando mais e mais dinheiro. Em certos tipos de estrutura econômica, como em nosso sistema capitalista, às vezes temos que obtê-lo às custas das perdas de alguém. Não acredito que o capitalismo tenha que ser assim, mas muito freqüentemente meu lucro depende do prejuízo de alguém.

As leis medievais contra a usura eram baseadas na tentativa de entender o que o dinheiro realmente significava. O dinheiro era um meio de organizar as necessidades materiais da vida humana, reconhecendo, ao mesmo tempo, que somos dependentes uns dos outros na família humana e destinados a servir a algo mais elevado. Em outras palavras, não se tomava um empréstimo a menos que realmente se precisasse do dinheiro. Por isso, se eu lhe emprestasse dinheiro era porque você precisava dele, e eu não devia lucrar com seu de-

sespero. Agora, a sociedade inteira está baseada em empréstimos.

MOYERS: Por isso a usura era considerada um pecado.

NEEDLEMAN: Exatamente. O que significa o fato de toda nossa sociedade estar baseada na dívida? Todos devem a todos e não há mais dinheiro no antigo sentido de uma moeda, que possuía um valor intrínseco. O que acontece agora? É um grande enigma.

MOYERS: O que o senhor aprendeu em seus estudos sobre a história do dinheiro?

NEEDLEMAN: Bem, fui educado com a idéia de que o dinheiro era algo como pedra: ele estava lá. Mas alguém o inventou, no sétimo século antes de Cristo, em algum lugar da Grécia. Foi um grande achado. As pessoas podiam carregar dinheiro em vez de fazer as transações em espécie. Trouxe uma certa liberdade. Possibilitou a democracia. Foi uma invenção engenhosa, brilhante.

A invenção do banco é relativamente recente. Alguém teve a brilhante idéia de ter um banco para dar pedaços de papel em troca dos depósitos de dinheiro que as pessoas faziam. Um homem chamado John Law, a fim de tirar um certo rei de apuros, disse: "Sabes, rei, as pessoas não vêm todas juntas sacar seu dinheiro ao mesmo tempo. Podemos imprimir *mais* recibos do que o dinheiro que temos para cobri-lo." *Bravo!* Imediatamente, de um só golpe, a "riqueza" dobrou.

Law acabou em má situação, como ocorre com a maioria dos inventores. Mas sua descoberta foi muito criativa – menos dinheiro em depósito do que notas lastreadas nele. O dinheiro se transformou numa promessa e não numa entidade em si mesma. Nesse sentido, inflação é o que se poderia chamar de gradual quebra da promessa, porque o dinheiro que nós temos está, em certo sentido, perdendo valor. Se o dinheiro for visto como um índice ou um instrumento envolvendo relações humanas, então ele tem a ver com a ética. É um modo de trocar com alguém o que nós precisamos, de implementar as relações entre seres humanos. Assim, se há algo como inflação, significa que alguma coisa vai mal nas relações humanas.

MOYERS: Isso certamente alterou as relações humanas, para o bem ou para o mal. Vindo para cá, parei em um banco e usei meu cartão para pegar dinheiro. Não vi nenhum ser humano. Não disse "bom dia" para ninguém, e ninguém me respondeu "bom dia".

NEEDLEMAN: Isso afetou todo mundo; não vou ser idealista a esse respeito. Pela conveniência, flexibilidade e instrumentalidade do dinheiro, perdemos muito no relacionamento humano.

MOYERS: O que me intriga na noção de dinheiro é o seu paradoxo fundamental. É uma ilusão. Não é que uma nota de um dólar ou de dez dólares tenha valor em si. Seu valor se baseia num acordo não-escrito de que nós vamos tratar essas notas como se tivessem valor.

NEEDLEMAN: Exato. E se a fé no que está por trás do dinheiro começa a desaparecer, vem o pânico financeiro e a civilização desmorona.

MOYERS: Talvez isso faça parte do que está por trás da noção de confiança que o senhor descreveu guiando a sociedade moderna – esse medo de que alguém rompa o acordo. Alguém renegará o acordo, e se eu não tiver certeza de que tenho mais do que preciso – não importa quanto – vou ficar em apuros quando isso acontecer. É por isso que procuro obtê-lo cada vez mais depressa.

NEEDLEMAN: Acho que o dinheiro tem a ver com segurança. Todos sentimos isso. Mas o que é segurança real neste mundo? Essa é outra questão. Há a ilusão de que se eu tiver bastante dinheiro estarei seguro. Recentemente, aqui em São Francisco, tivemos um fortíssimo terremoto. Eu acho que por quinze segundos, 4 milhões de pessoas nesta área perceberam de repente que tudo o que elas consideravam seguro não era seguro. Quando estamos no meio de um terremoto começamos a nos perguntar "do que é que eu realmente preciso?" "Qual é a minha verdadeira âncora?" Em minha opinião, é algo muito mais interior. Apostaria que 4 milhões de pessoas, por quinze segundos durante aquele terremoto, subitamente questionaram todos seus valores enquanto as coisas começavam a ruir. Dinheiro traz segurança, mas somente se a civilização em que a gente está for firme. Acho que você está certo, nenhum de nós sente que isso vá durar.



**A arte de viver está
em engajar-se no
jogo do dinheiro sem
ser devorado por ele.**

MOYERS: *Segurança, no entanto, é também a sensação de que há alguém com quem posso contar e em quem posso confiar. Outra pessoa, outro grupo de pessoas. Uma sociedade que, se eu falhar ou ficar doente ou me desesperar, virá me ajudar. Há uma sensação de segurança na família, na vizinhança, na congregação, em nosso esforço comunal. Quando isso é impessoal, quando apenas um pedaço de papel se torna o meio de transação, não tenho certeza de poder contar com outras pessoas quando mais precisar. O que mais me impressionou no terremoto foi que aquelas pessoas aprenderam, naquele momento de crise, que podiam contar umas com as outras.*

NEEDLEMAN: Sim. Podiam. Mas, por outro lado, durou só um pouco. Poucos dias depois, poucas semanas mais tarde, desapareceu. Por que essa lição não entra mais profundamente em nossas vidas? Seria tão natural! Essa é uma das coisas mais misteriosas que aconteceram com a ética em nosso mundo. As pessoas acham que é um grande gesto humano, espiritual, salvar uma criança que está se afogando. Não é. É normal na natureza humana. Mas estamos tão longe de sermos normais que achamos um grande feito ajudar alguém em dificuldade. O ser normal, o homem natural, o ser real, é por natureza relacional e partilhador. A visão antiga costumava nos considerar basicamente animais egoístas, e que nos juntávamos em sociedade para não viver pegando-nos aos tapas. Não me parece que isso estivesse baseado numa visão real da natureza humana. A natureza humana no fundo, no ser real, é compartilhadora.

MOYERS: *Bem, olhe a história de Jesus e o bom samaritano. O bom samaritano parou, carregou a pessoa para a margem da estrada e cuidou dela. Naquele momento ele estava se doando à alma daquele invasor. Isso é o núcleo do que estamos conversando. Naquele momento ele não tinha nada para dar, a não ser a si mesmo. Ele estava fazendo uma coisa normal.*

NEEDLEMAN: Posso lhe contar uma história? Fui convidado pela revista *Time* a participar como observador do lançamento da Apollo 17. Naquela ocasião havia uma porção de cínicos reclamando do programa espacial, de que aquilo estava tirando dinheiro dos pobres e tudo mais. Mas eu fui. Seria um lançamento noturno e havia centenas e centenas de repórteres por toda a área, bebendo cerveja e esperando aquele grande foguete de trinta e cinco andares iluminado por poderosas lâmpadas. Estávamos todos sentados contando piadas e ouvindo a voz de Walter Cronkite como se fosse a voz de Deus vinda pelo alto-falante nos dizendo o que estava acontecendo.

Então começou a contagem regressiva e o lançamento. A primeira coisa que você vê é uma extraordinária luz laranja, que está no limite do que se pode fitar a olho nu. Não é tão brilhante. Você não tem que desviar o olhar. É maravilhosa, tudo fica iluminado com essa luz. Então, vagarosamente, aquilo começa a subir em silêncio total, porque demora alguns segundos para se ouvir o som. Aí se ouve um "uuuuuh! Huuummm!" Entra direto em você. Aquela coisa extraordinária está se elevando. De repente, no meio daquela gente cínica e trocista, eu inclusive, dava quase para ouvir os queixos caindo. A sensação de maravilha domina a todos, à medida que aquela coisa sobe e sobe e sobe e sobe. A ignição do primeiro estágio acende uma maravilhosa chama azul. Ela se torna como uma estrela, mas você tem consciência de que há seres humanos dentro dela. E então se faz silêncio total.

As pessoas apenas se levantam silenciosamente, auxiliando-se umas às outras. São gentis. Abrem portas. Olham-se, falando mansa e interessadamente. Elas eram, subitamente, pessoas morais porque maravilhadas; o sentimento de maravilha, a experiência de maravilhar-se, as tinha feito morais.

Quando chegamos ao hotel, isso já havia acabado. Mas meu ponto é que, no estado de maravilhamento, ninguém comete um crime. Quando estamos em contato com algo interior, somos naturalmente partilhadores e solícitos com as outras pessoas. Assim, para mim, a busca do entendimento da ética, sem a tentativa de entender esse ser interior, não passa de certo ponto. Não nos leva aonde precisamos chegar.

MOYERS: *O senhor usou a palavra "moral", não "ética", para aquele momento de percepção e partilha. Por quê?*

NEEDLEMAN: Ética se refere a ações exteriores, ao que se faz. Mas internamente, a gente é moral. Isto é, está em contato com algo que é mais verdadeiro, mais de sua própria natureza, de sua natureza real. Como resultado de ser moral, age-se de maneira que pode ser julgada ética.

MOYERS: *Mas quando vocês voltaram ao hotel aquilo tinha se esgotado...*

NEEDLEMAN: Ainda deixou traços por algum tempo. Mas em geral desapareceu sob as convenções sociais usuais e na hora em que fomos para a cama, éramos os seres egoístas de sempre. Mas isso mostra que, mesmo na vida diária, às vezes experimentamos uma mudança do que poderíamos chamar de "estado". Uma espécie de estado de consciência.

Naquele estado ficamos mais próximos de sermos pessoas amorosas, solícitas.

MOYERS: *O senhor disse que o tempo humano é tempo consciente. Entendo que fala em sermos conscientes de nós mesmos.*

NEEDLEMAN: Bem, "tempo consciente" acontece em certos momentos da vida, talvez em grandes crises ou emergências ou grandes alegrias. É um inesquecível, vívido momento em que se está presente em si mesmo. De repente o tempo tem um sentido muito diferente. O tempo passa muito devagar, às vezes, é como se tivesse parado.

Há uma maravilhosa passagem em *O Idiota* de Dostoiévsky, quando o herói está para ser enforcado. Tem um minuto antes do enforcamento e começa a dizer para si mesmo "Que enorme quantidade de tempo eu tenho! Tenho sessenta segundos. Terei dez segundos para pensar em minha família e ainda me sobrá tempo." Naquele momento, o tempo simplesmente se expande. Naquele um minuto ele percorre uma vida inteira de intensas e agudas impressões e experiências. Isso é um tempo consciente. Não acho que se precise de uma sentença de morte para tê-lo.

MOYERS: *De que somos conscientes?*

NEEDLEMAN: Em primeiro lugar, somos conscientes do mundo ao nosso redor. Somos conscientes da sensação de nosso próprio ser, nosso próprio self. Meu self, aqui. No meio disso, há algo que poderíamos chamar de sublime; se quiser chame-o de Deus. Mas há muitos níveis. Consciência não tem que ser algo no sentido comum. Em si mesma, é uma válida e reverberante experiência interior.

MOYERS: *O senhor já teve momentos como esse?*

NEEDLEMAN: Sim, penso que todos têm. Mas nossa cultura não nos capacitou a valorizá-los adequadamente. Tomamos esses momentos como extraordinários e nos dizemos "Foi apenas uma coisa passageira." E seguimos adiante. Nossa cultura não nos capacitou a nos dizermos: "Espere um minuto! O que foi isso que eu experimentei? É algo que eu preciso desenvolver mais? Isso é realmente eu mesmo? Todo o resto do que eu chamo de eu, e o

que os outros me chamam e pensam de mim e o que eu penso de mim e como eu me considero – tudo isso é secundário?"

MOYERS: *Acredita que de alguma maneira nós, seres humanos, fomos programados para viver em dois mundos?*

NEEDLEMAN: Certamente. Um mundo é aquele em que vivemos diariamente, este mundo da ação, da atividade, do fazer. Ele é habitualmente governado pelos nossos pensamentos e emoções cotidianos e assim por diante. O caminho em direção ao outro mundo aparece nos momentos especiais. Às vezes ele se insinua em nossos sentimentos, quando estamos em contato com a grande arte, ou literatura, ou filosofia,

ou a natureza. Temos certo sentimento, certo anseio que quase não conseguimos traduzir em palavras. É como aquilo que Platão chamou de "eros". É uma contenda. Uma aspiração. Um desejo de algo maior e mais elevado em nós mesmos.

MOYERS: *Temos uma natureza espiritual, assim como temos uma natureza que depende de comida, bebida, sexo...*

NEEDLEMAN: ... reconhecimento social, dinheiro, tudo isso. Essa outra direção – você pode chamá-la de espiritual, mas espiritual é uma palavra com a qual eu tenho problemas porque para muita gente espiritual significa algo substancial, e isso é terrivelmente real. Isso é mais real do que qualquer outra coisa!

Mas é um anseio. Diria que é um amor. Um amor por algo maior, mais elevado e mais abrangente do que meu ser ordinário. Chame isso de Deus. Por que não? Mas está dentro, e também acima.

MOYERS: *É a experiência de Deus, que vem de sermos parte da criação de Deus.*

NEEDLEMAN: Sim. E nós, seres humanos, até onde eu entendo, fomos destinados a estar em contato com essa natureza mais elevada. Assim, somos dois. Essa é a nossa grande possibilidade e nossa grande tristeza. Esse é um ponto muito difícil de se estar. O ser humano é o único ser com duas naturezas e nossa tarefa e dificuldade é encontrar uma relação entre elas em nossas vidas.

MOYERS: *Em um de seus seminários, o senhor disse que nós simplesmente não vivemos nossas vidas.*



NEEDLEMAN: Sim. Nós somos vividos pelas forças ao nosso redor, pelas influências que nos impingem a mídia e todos os livros – e educadores – e tudo o que ouvimos – e os valores que vêm de fora. Mas um ser consciente, um indivíduo autônomo, que escolhe intencionalmente, depois de ponderar e refletir e consultar seu vizinho, que escolhe conscientemente o que fazer e como viver – quase nenhum de nós vive desse modo. Parte da ilusão de nossa cultura é pensarmos que somos livres, que somos seres independentes, quando na verdade somos puxados por forças fora de nós. Não temos tempo, nem espaço interior, para procurar algo mais elevado do que isso.

MOYERS: *O senhor mencionou novamente o tempo. Quando o senhor fala, ouço em minha mente tantos dos meus amigos e a mim mesmo dizendo: "Não tenho tempo. Estou muito ocupado. Não tenho tempo." O senhor ouve isso com frequência?*

NEEDLEMAN: Sempre. É uma das coisas que mais me interessa no estudo do dinheiro. Há uma centena ou mais de anos que estamos inventando truques para poupar tempo. O que foi feito do tempo? Ninguém mais tem tempo suficiente. Estamos completamente ocupados. Diria que o tempo está pouco a pouco desaparecendo. Somos uma sociedade empobrecida de tempo. Temos montanhas de objetos materiais, mas não temos tempo. O tempo humano desapareceu e estamos no tempo animal. Ou no tempo vegetal, se quiser. Ou no tempo mineral. O tempo dos computadores. O tempo das coisas. Das invenções mecânicas. Tempo animal é literalmente o tempo da corrida do rato. Essa é a Nova Pobreza.

MOYERS: *E ainda há sessenta segundos em um minuto, sessenta minutos em uma hora.*

NEEDLEMAN: Mas nós não o experienciamos assim. Não experienciamos o momento presente. Tempo é real apenas no momento presente. E nunca estamos no momento presente. Sempre estamos preocupados com o futuro, lamentando o passado, tentando fazer duas ou três coisas ao mesmo tempo. Nunca temos a sensação de "eu estou aqui... agora... neste momento". E isso é realidade. Já se disse, e talvez exista alguma verdade nisso, que quando o relógio começou a tocar o quarto de hora, era parte do começo do capitalismo como o conhecemos. Tempo é dinheiro. Quando começamos a medir o tempo desse modo, ele se tornou um tirano. O relógio é um bom servidor, mas ele se torna patrão. Não estou mais procurando medir quanto tempo tenho para fazer algo que conscientemente escolho fazer. Agora pergunto ao meu relógio se tenho

tempo de fazer algo que eu quero fazer. E ele está dizendo: "Não, você não tem tempo".

MOYERS: *Tudo isso é um meio de dizer que o dinheiro, em si mesmo, é sujo?*

NEEDLEMAN: De modo algum.

MOYERS: *O dinheiro em si é neutro.*

NEEDLEMAN: Sim, como toda invenção ele é neutro.

MOYERS: *O senhor não está nos incitando ir viver nas montanhas ou nas cavernas, ou a voltar as costas para este mundo.*

NEEDLEMAN: De forma alguma. Estou sugerindo ficarmos envolvidos mais conscientemente do que estamos, na compreensão do jogo do dinheiro. É tão errado viver em belas fantasias de estar livre do dinheiro e do anseio por ele, quanto estar absorvido nele e devorado pela rudeza e confusão da vida financeira.

MOYERS: *Disso é que eu gosto em alguns de seus escritos anteriores, O Coração da Filosofia e Cristianismo Perdido, onde o senhor diz que o significado da vida é encontrado no limite das duas realidades; a realidade do espírito e a realidade deste mundo de obter e gastar e estar muito envolvido com a mecânica da sociedade e com o modo em que a vida é vivida. É daí que vem o significado. Não do isolamento.*

NEEDLEMAN: Exatamente. O significado humano vem de estar nos dois mundos simultaneamente – e esse é um lugar muito difícil de se estar. As pessoas tentam encontrar significado apenas em um dos mundos. Ou no mundo da vida exterior, ou no mundo de alguma quimera mística. Nenhum dos dois trará significado real. Isso é que é ímpar no ser humano.

MOYERS: *Há um psiquiatra em Nova York que disse ao seu paciente: "Quando você fala em dinheiro, nunca é sobre dinheiro que você está falando".*

NEEDLEMAN: Esse é o segredo. Não é apenas sobre dinheiro que eu estou falando. É o dinheiro como um meio de falar sobre a condição humana. Da substância humana recoberta pelo dinheiro. Essa substância humana é algo de que as tradições de todos os tempos falaram.

MOYERS: *O senhor também diz que "inferno é um estado no qual somos impedidos de receber o que realmente precisamos, por causa do valor que atribuímos ao que meramente queremos". Como alguém chega a compreender do que realmente precisamos?*

NEEDLEMAN: Poderia dar as respostas que têm sido dadas através dos tempos e com as

quais qualquer um concordaria. Por exemplo: precisamos de amor e precisamos servir. Precisamos muito servir a algo além de nós mesmos. Sem isso, murchamos. Precisamos de alimento físico. Precisamos de abrigo. Precisamos retribuir à natureza, reproduzir-nos se pudermos, se quisermos.

Mas essa é uma pergunta séria. É o tipo de pergunta que mais e mais pessoas vêm fazendo. Aquele tipo de pergunta que, quando você a sente realmente em seu âmago, começa a fazer sentido. Estranhamente, o sentido pode surgir da busca do sentido. Quando se tem uma verdadeira pergunta como essa, algo nos dirige. "O que eu preciso?" Esse tipo de questão pode realmente trazer sentido à minha vida porque me faz indagar. Me faz tentar entender. E quando faço isso com outra pessoa, ou com duas ou três pessoas juntas, quando começamos a indagar, já começamos a ter um novo relacionamento humano, que é o que se costumava chamar de amizade.

MOYERS: Os grandes filósofos achavam que o sentido estava na experiência da pergunta, e não na descoberta da resposta.

NEEDLEMAN: Perguntar torna a pessoa aberta, sensível, humilde. Não sofremos com nossas perguntas, sofremos com nossas respostas. A maior parte dos danos do mundo vem de pessoas com respostas, não de pessoas com perguntas.

MOYERS: O senhor tem feito seminários sobre dinheiro. As pessoas que comparecem sabem do que eles tratam? Ou pensam que vão receber conselhos sobre onde aplicar dinheiro?

NEEDLEMAN: Eu lhes digo: "Este seminário não vai ajudá-los a ganhar mais dinheiro. Não é para isso. É para vocês se entenderem no meio do mundo em que nós vivemos, que é o mundo do dinheiro." E as pessoas vêm em grande quantidade, para isso.

MOYERS: O que elas procuram?

NEEDLEMAN: Fiz um seminário há algumas semanas e perguntei quais eram as perguntas dos participantes. Quase todos tinham a mesma: "Como faço para ganhar a vida e ainda assim conservar minha alma?" Eles sentem que o mundo do dinheiro, o mundo em que eles são forçados a viver, suga e seca suas almas, impedindo-os de preservar o auto-res-

peito ou o senso de valor interior enquanto participam do mundo do dinheiro. Eles querem um sentido. As pessoas vêm à procura de sentido.

Há aquela idéia: "Faça o que você gosta e o dinheiro virá em decorrência disso". Penso que essa é uma das fantasias da Nova Era. Muitas pessoas dizem: "Percebi que quando estou ganhando a vida, ganhando dinheiro, estou completamente devastado de sentido. Minha vida é sem sentido. Fabricando trecos ou vendendo-os ou escrevendo coisas que absolutamente não alimentam minha vida interior, acabo cansado e exaurido. Não tenho tempo para nada daquilo que eu considero relevante. Como posso me relacionar com o

dinheiro para que isso de alguma forma não me destrua?" Quase todas as questões são variações desta. Uma das coisas que as ajuda é ouvir sobre as grandes idéias das tradições antigas, recolocadas de modo que as entendam. Quando essas grandes idéias são colocadas em sua verdadeira forma, as pessoas entram em contato com outro mundo: o mundo das idéias. Se as pessoas entram em contato com ele, sentem imediatamente um choque de reconhecimento. Ele abre algo, uma parte delas mesmas com a qual não haviam estado em contato. E isso pode não ser uma realização espiritual em um sentido grandioso, mas é o começo de um contato com

uma parte de si mesmo que não diz respeito apenas a ganhar a vida.

MOYERS: O senhor está dizendo que as pessoas estão famintas de filosofia?

NEEDLEMAN: Eu havia planejado ser médico e meus pais estavam muito felizes. Quando lhes disse "vou ser filósofo" ficaram contentes, mas um pouco desapontados. Um dia, numa festa, depois de ter obtido meu doutorado, alguém me apresentou a outra pessoa como doutor Needleman; minha mãe imediatamente retrucou: "Mas ele não é o tipo de doutor que cura as pessoas".

MOYERS: Bem, aí está, esse é o sentimento que prevalece na sociedade. Filosofia não põe comida na mesa. Não constrói prédios. Não gera depósitos bancários.

NEEDLEMAN: É isso mesmo. Tudo o que ela faz é abrir a mente do ser humano para as coisas mais importantes da vida.



O capitalismo teve início quando o relógio começou a dar o quarto de hora.

Crise e transformação

Eliana Bertolucci

*Há um sentido nos golpes
que a vida nos prepara:
quebradas as máscaras e
defesas, uma percepção
mais plena ganha espaço.
É a morte e transcendência
do ego, segundo a
psicologia transpessoal.*

A perspectiva transpessoal busca, entre outras coisas, fazer uma leitura abrangente de vários sistemas de conhecimento ocidentais e orientais, procurando retratar o homem do ponto de vista da totalidade psíquica, ou seja, como um ser cuja vida comporta uma vasta gama de experiências possíveis. Que à primeira vista podem parecer caóticas, mas se apresentam organizadas quando as olhamos dentro de seu significado humano.

Um estudo mais profundo do significado das experiências humanas mostra que elas se organizam hierarquicamente, dos níveis mais primitivos, mais simples, aos mais complexos e evoluídos. Os autores mais conhecidos da perspectiva transpessoal, como Stanislav Grof e Ken Wilber, discutem esses níveis, cada um a seu modo, indicando que eles se superam uns aos outros em direção à plena realização do ser.

Neste momento em que vive a hu-

manidade, grande parte das experiências psicológicas que constituem o mundo do adulto ocorrem no que chamamos nível do ego. Quando falamos em *nível do ego* na transpessoal, referimo-nos àquela identidade baseada na idéia que fazemos de nós mesmos: "Sou Eliana, professora, terapeuta, amiga de Fulano, mãe de Sicrano" etc. São esses os papéis que vivo. Sou, em certa medida, todos eles. Mas uma identidade que dependesse totalmente deles estaria baseada na representação, que é apenas um dos aspectos da existência.

Todos temos uma identidade egóica. O que diferencia uns e outros é como cada um percebe seus papéis: instrumentos mutáveis, úteis para a vida, ou características imutáveis a ser defendidas e mantidas a qualquer custo?

Para além dos papéis está algo muito mais importante, que é o centro do meu ser. Ele é que deve dar vida a todos meus papéis. Toda vez que um papel se estrutura a partir do meu

centro, dou tudo de mim naquela ação, mas ciente de que ela não passa de um dos meus aspectos impermanentes. O que me dá a vantagem de poder entregar-me a outra ação distinta no momento seguinte, sem por isso deixar de ser quem sou. Sabendo, sobretudo, que sou muito mais que a soma de meus papéis. As representações passam, então, a ser aspectos externos do meu ser interior. Se, ao contrário, me limito a agir sem contato com meu ser interior, vou ficando ansiosa, temerosa de perder os papéis que me dão forma e são tudo o que tenho para me estruturar. Sou forçada a um tremendo dispêndio de energia, desejosa de ser reconhecida e admirada, cuidando de que ninguém me roube os papéis que são todo meu patrimônio. Não é por nada que os ambientes de trabalho costumam ser tão competitivos. Para não se desestruturar, cada um tem que acreditar que sua postura e seus conhecimentos são os melhores e se sente ameaçado pela postura e o conhecimento dos outros. É nesse processo que o ego se isola. Constantemente ameaçado, de-

fende-se de tudo quanto não confirme a idéia que construiu sobre si mesmo. Nessa cisão, de um lado fica o ego, do outro lado o mundo. Já que o princípio do ego não é o mesmo princípio do mundo, o mundo pode ser sempre uma ameaça.

Em minha história de vida e na de meus pacientes observei que, com uma sabedoria cujo alcance me ultrapassa, a própria vida faz o indivíduo entrar em crise e toda essa construção idealizada do ego fica abalada. A situação de isolamento já é, aliás, crítica. Aquele castelo, aquela fortaleza não passa de ilusão. Se alguém afirma "seu castelo não existe", ele começa a vir abaixo. A crise explode quando se perde algo de que se julgava ser dono de modo permanente e absoluto, com o qual o ego tenta garantir sua sobrevivência: se perco o emprego, lá se vai meu papel de professora. Sem ele, desmorono, me desestruturo.

Caem os artifícios do ego

Minha prática clínica confirmou, sem lugar a dúvidas, que o nível do ego se desorganiza e apresenta aspectos aparentemente involutivos em momentos de crise na vida adulta. Mas é a partir da crise que esse nível pode ser transcendido. E falamos em transcendência porque há um salto de qualidade sempre que o indivíduo consegue ultrapassar as principais limitações do ego. A premissa básica, na transpessoal, é que o homem evolui para níveis superiores de consciência. Dentro dessa perspectiva, fica demonstrado de maneira clara que os impasses de determinado nível de consciência só podem ser transformados em um nível de consciência superior (e nunca pura e simplesmente eliminados). Ele se caracterizará, como se vê no quadro sinótico, pela aquisição de novas habilidades, maior complexidade, maiores condições para lidar com as tensões, maior mobilização energética etc.

Erroneamente, a maioria das vezes a psicologia tem considerado o que estamos chamando de *morte do ego* como fatores negativos a serem sanados, eliminados ou curados no nível

do próprio ego. Mas essas possibilidades não oferecem uma resolução verdadeira da questão.

Todas as linhas de psicoterapia lidam basicamente com a percepção projetiva, ou seja, o mundo de fantasia que as pessoas criam através de projeções, das mais variadas espécies, sobre o mundo. Esse mundo da fantasia é o mundo do ego, onde cada um de nós repete em sua mente – e faz repetir no mundo – as histórias que quer (ou não quer) ouvir. A conexão do ego com a realidade é, portanto, muito precária.

Através do meu trabalho tenho constatado de maneira empírica o pressuposto, encontrado em quase todas as linhagens das religiões orientais, que caracteriza o ego como uma ilusão. Em momentos de crise existencial ou crise de identidade, torna-se evidente como a parafernália egóica tem apenas a função de nos proteger e defender do medo de lidar com nossos desejos e com as limitações que a vida nos impõe, em todos os sentidos. Quando as defesas psicológicas deixam de ser eficientes para lidar com as frustrações, chega o momento de admitir que temos vivido numa "caixa-forte de ilusões", dentro da qual vimos procurando manter o equilíbrio sem jamais conseguir. Como a função da caixa-forte é nos manter ilusoriamente a salvo de perigos e desejos, quando ela desmorona somos invadidos por um sentimento de impotência, de perigo, de fraqueza. Caem defesas e máscaras. Somos obrigados a admitir nossos limites e reavaliar nossas capacidades. Tornamo-nos mais humanos.

Esse processo, que caracterizamos como morte do ego, ocorre com frequência a partir de uma grande frustração. A "derrubada" ou "queda" que resulta é muito útil para, num terceiro momento, dispor-nos a descobrir qual é nossa real potência, até então mascarada por trás da onipotência, vaidade, orgulho e outros artifícios que o ego usava para manter-se vivo.

Na prática, acontece mais ou menos assim: perco um dos meus papéis e o ego sentencia: "errei", "fiz boba-

gem", "culpa minha", "sempre estrago tudo", "sou infeliz". Mas, ao mesmo tempo que rui a muralha de idéias de que me cercava, abre-se uma brecha para uma nova percepção da natureza da vida e da minha própria natureza. Percebo uma realidade muito mais vasta que aquela primeira construção. Sem a idéia rígida em que me escorava poderei me aproximar do mundo, do outro, de forma muito mais íntima, mais plena, mais viva.

A terapia aponta caminhos

O primeiro momento dessa percepção pode ser uma passagem difícil. Sou tomada pela estranheza, já que saí do domínio da mente, da representação e entrei no das sensações e sentimentos, contidos até então em papéis que os seguravam como cou-raças. A criatividade e a intuição se libertam. Como o novo pode irromper de modo desordenado, em casos extremos chega a surgir o medo de estar enlouquecendo.

A terapia entra para canalizar esses aspectos mais sutis da percepção e integrá-los com o racional. Práticas simples ajudam a reconhecer as energias que estavam represadas e aproveitá-las da melhor maneira. Meditar, anotar determinadas experiências, observar-se sem julgamento e uma série de outros ensinamentos das antigas tradições vão abrindo caminhos para que os novos instrumentos a nosso alcance se expandam. O papel do terapeuta é mostrar à pessoa os meios de não ficar presa à frustração, a uma regressão, nos quais, mais uma vez, pode buscar refúgio e imobilizar-se. Observei na prática clínica, e Grof também fala nisso, que no processo de transformação aparece o medo de morrer, de adoecer, de envelhecer. São apenas símbolos da morte do ego e no entanto, as vivências, bem reais, resultam dolorosas. É importante encará-las como uma oportunidade de entrar em contato com esses aspectos que aparecem dramaticamente na crise e curar-se para ir adiante.

O método, a percepção de que se tem para onde ir são fundamentais. Caso contrário, caímos no desespero,

na náusea que Sartre apontou quando o ego se rompe e tudo é percebido como absurdo, sem sentido. O trabalho da psicologia transpessoal é justamente abrir brechas no ego, sem esperar por uma crise para trilhar o caminho da transcendência.

Como vimos, em momentos de morte do ego, através do pensar, do sentir, do perceber, tomamos conhecimento das maneiras com que nos defendemos do mundo, criando um *isolamento defensivo*. Fica claro, também, o sentimento de solidão que daí resulta. Podemos sentir, por exemplo – e a sensação de incômodo é bastante nítida – como que uma barreira nos separando do mundo ou uma trave diante dos olhos. Nesse caso, a transcendência diz respeito à abertura perceptual, ao desenvolvimento da percepção télica (possibilidade de viver o ponto de vista do outro), ao sentimento de participação, ao reconhecimento de si e do outro como participantes da mesma realidade.

Em grande parte das relações interpessoais, o ego mantém, em nível consciente ou inconsciente, *relações de ambivalência e luta com o outro*. É, assim, o lugar por excelência dos conflitos interpessoais e intrapsíquicos. Ali ocorrem repressões, negações; ali somos dominados por "sombras" ou fatores que, nesse nível, permanecem obscuros. Uma vez que não há como resolver esses conflitos no nível do ego, eles são escamoteados – onde reina uma aparente calma encontram-se com frequência lutas latentes. Quando as máscaras começam a cair, no primeiro momento há um *acirramento dos conflitos*, muitas vezes acompanhado de quebras de relacionamentos, separações, descoberta de fatores negativos até então encobertos. Isso faz parecer que vários aspectos da vida estão se desagregando. De fato, muita coisa é aniquilada, afastada, eliminada.

A confusão desses momentos (somada à confusão que está latente em qualquer conflito), reforça o *sentimento de aniquilação de si próprio*. Esse talvez seja o fator mais difícil a enfrentar no processo da morte do ego. A pessoa pode manifestar o *desejo de*

aniquilação do outro que é, provavelmente, o sentimento de aniquilação de si próprio projetado no outro. Pode-se supor que algumas manifestações mal dirigidas de destrutividade levem a situações altamente violentas – suicídio ou homicídio. Então, é necessário ajudar essa pessoa a discernir o mais rápido possível que o que está se aniquilando, o que está se mostrando ineficiente e agonizante é sua identidade baseada em falsas idéias sobre si mesma. Quando ela discrimina que a aniquilação se refere a aspectos que devem ser destruídos para dar lugar a outros, e que isso ocorrerá em benefício de seu ser mais profundo, o processo se torna menos doloroso e até prazeroso: libertar-nos de limitações e entraves psíquicos pode nos dar grande prazer.

Dados para a psicologia social

Transcender conflitos e sentimentos de aniquilação leva à diminuição dos conflitos (a "briga" consigo mesmo e com o outro diminui), à aceitação da existência do outro e de si mesmo tal como cada um é. Tal aceitação muitas vezes traz um sentimento de existir integralmente e também uma percepção mais integral da existência do outro. No nível do ego, é praticamente impossível reconhecer o outro em sua individualidade. Temos medo do outro, do diferente. Quando esse medo é eliminado, sentimos surpresa e estranheza na presença de pessoas, como se nunca as tivéssemos olhado direito (o que é verdade), podendo, finalmente, conhecê-las como são. Da diminuição de conflitos e da carga projetiva sobre o outro nasce uma segurança real, nunca antes experimentada, que ajuda a superar definitivamente os aspectos negativos dessa fase: já há lugar para uma maior compreensão e reconhecimento do outro.

O reconhecimento do outro do ponto de vista dele mesmo, junto à vivência de aspectos reprimidos da percepção do outro, resultará em mudança no círculo relacional ou na qualidade das relações. A crise relacional que caracteriza a morte do ego libertará o indivíduo das relações causa-

doras de sofrimento.

O mundo atual está carregado de relações de dominação, relações autoritárias, de competição e da presença de alto grau de destrutividade nas relações. É provável que a grande "sombra" que paira sobre todos esses elementos seja o sentimento (reprimido) de submissão humilhante, o qual aparece com frequência em momentos de morte do ego. Somente na ausência desses sentimentos e emoções pode haver ausência de autoritarismo, competição, dominação e podem abrir-se possibilidades de cooperação.

Do ponto de vista da psicologia social, essas considerações são muito importantes. Enquanto os fatores psicológicos que propiciam relações patológicas não forem eliminados, não se delineará uma sociedade onde os indivíduos possam cooperar entre si.

Enquanto a maioria das pessoas experimentar mais realização em ganhar, em dominar e em receber recompensas do que em realizar-se em ser e em dar ao mundo sua contribuição, dificilmente será atingida uma vida mais satisfatória. Essa transformação é bastante difícil, mas à medida que se abre mão dos aspectos egoístas e controladores, passa-se a sentir muito prazer em buscar a realização de outras formas.

Um dos pontos mais marcantes no nível do ego são os *vínculos simbióticos* que mantemos com o mundo. Mesmo que as pessoas adultas pareçam bem adaptadas socialmente, a grande maioria mantém ligações simbióticas e dependentes nas relações amorosas, de amizade, de trabalho etc. Enquanto isso dura, não se pode ter noção do que seja ser uma pessoa "individualizada" – um indivíduo independente dos outros. Quando os vínculos simbióticos começam a se romper, pode-se manifestar uma solidão existencial, bem diferente da solidão egóica, pois não é produto de defesas ou do fechamento psicológico, mas da condição real da existência de cada um como ser individual e independente. Só ao adquirir essa consciência, cada um tem condições de sentir-se realmente ligado aos ou-

tros, desenvolvendo o *sentimento de troca* nas relações.

Símbolos de morte e renascimento

Vínculos simbióticos, conflitos psicológicos e outros fatores presentes na dinâmica egóica levam a um *apri-
sionamento da psique*, que automaticamente percorre caminhos viciados e sufocantes. Essa sensação de aprisionamento aparece com clareza quando nos libertamos de nossas defesas. O passo seguinte é a dissolução de angústias e medos.

O medo, inerente a situações de conflito e dependência, aparece em momentos da morte do ego: medo da morte, medo da loucura, medo da perda. Para evitar esses e outros aspectos da vida — sentimento de desamparo e rejeição, ressentimentos, mágoas, sensações de perigo — é que o ego se edifica. Medos e angústias só podem ser realmente eliminados se enfrentarmos as razões que os mantêm.

De modo geral, quem está identificado com seu ego permanece preso às situações da primeira infância, condicionado pelo passado. A morte do ego traz uma consciência completa da formação psíquica condicionada, muitas vezes com a lembrança de situações e episódios aos quais o indivíduo se sente preso. A libertação dessas amarras é, na verdade, uma libertação do passado e o nascimento para uma nova vida psíquica. Tanto que é comum o aparecimento de símbolos de morte/renascimento: sonhos com recém-nascidos, situações de gravidez e parto, percepção da velhice e da morte, da passagem do tempo etc.

Uma vez que a pessoa tenha conseguido desligar-se consideravelmente de seus condicionamentos, observa-se um aspecto interessante do processo: a transformação da visão do passado. Ela pode descobrir novas interpretações de seu passado e experimentar a sensação de que quem viveu tudo aquilo não foi ela, mas outra pessoa. O que, psicologicamente, é um fato.

Outro fenômeno notável nos processos de morte e transcendência do ego é o desaparecimento do sentimento de culpa, sem dúvida ligado aos vínculos simbióticos e dependentes. Rompidas as predisposições mentais para esse tipo de vínculo, o sentimento de culpa desaparece como por milagre, dando lugar a outros sentimentos.

No nível do ego, toda pessoa está sujeita a depressão, angústia e ansiedade. Em momentos de morte do ego a depressão costuma desdobrar-se em tristeza e sensação de perda. É possível então desenvolver a consciência da mistura do eu com o outro, própria da simbiose, libertando-se para a possibilidade de vincular-se de forma não-simbiótica: a angústia e a ansiedade diminuem sensivelmente.

No que diz respeito à *identidade*, no nível do ego ela está presa aos objetos de identificação. Por exemplo, um papel profissional ou uma pessoa, cujo comportamento imito procurando encontrar minha própria identidade (um mecanismo normal na criança mas que indica um desencontro consigo mesmo no adulto). A morte do ego implica, necessariamente, a possibilidade de desidentificação. Daí a crise de identidade, que libertará o indivíduo para uma maior realização da individualidade, já sem o apego aos objetos de identificação.

A formação do ego se vincula ao mundo externo, à caça de objetos para sua satisfação. A superficialidade de objetivos gera um vazio que se transforma em angústia existencial e pode ser vista como um prenúncio da morte do ego. Ao lado da angústia, manifesta-se uma crise de valores. Se a pessoa se propõe a trabalhar nisso, haverá necessariamente *uma mudança de valores* — a importância dos valores ligados ao ego diminui.

Difícil, criativo: é nosso momento

Todas essas mudanças podem gerar uma sensação de dissolução e culminar na dissolução completa das couraças caracterológicas, que são to-

das as formações rígidas de nosso caráter: músculos tensos, pensamentos obsessivos, manias, rigidez mental, má postura corporal etc. Em momentos de morte do ego haverá, no início, uma ativação dos sintomas neuróticos, acompanhada por maior consciência dos sintomas, maior percepção das tensões, maior consciência das couraças caracterológicas.

A abertura propiciada pela eliminação dos vários fatores negativos presentes no nível do ego pode levar a: desenvolver a capacidade de amor e confiança; praticar ações voltadas para interesses mais coletivos ou situacionais (não centrados no ego); desblo-



quear a energia e sentir-se mais disposto, mais voltado a determinadas práticas corporais ou espirituais; relaxar definitivamente tensões crônicas e eliminar sintomas neuróticos; notar uma série de mudanças na percepção corporal, postural, acompanhadas pela sensação de alívio; sentir o corpo "centrado nele mesmo" e o desaparecimento das pressões corporais.

Durante o processo podem emergir símbolos de abismo e ruptura; imagens de abismo etc. Necessariamente, ocorrem catarses emocionais de todos os tipos, isto é, emoções e percepções reprimidas eclodem.

Libertar-se do ego implica na saída das cadeias de ação e reação. Daí nasce uma inusitada sensação de liberdade.

Da inconsciência passa-se à consciência das predisposições mentais que causam sofrimento, as quais então podem ser transformadas. Com maior neutralidade frente aos acontecimentos, com menos desejos, é possível ligar-se à vida de outra forma. Essa abertura trará uma série de insights acerca da natureza da vida, que levarão a sua valorização mais profunda.

Assim, à medida que se desenvolver maior sentimento de unidade, maior humildade, tranquilidade e paz a respeito de tudo e de todos, uma harmonia maior regerá a própria relação com o mundo.

No patamar de evolução em que nos encontramos neste momento histórico, as experiências relativas ao nível do ego são um marco central. Se não observarmos o homem e a sociedade a partir dessa premissa, pouca chance haverá de que a psicologia venha a compreender os principais fenômenos psíquicos característicos de nossa época e a contribuir para a evolução humana nesta hora difícil – e criativa – que estamos vivendo.

Eliana Bertolucci é pesquisadora e professora da PUC-SP, doutora pela Universidade René Descartes (Paris), psicóloga e autora do livro *Psicologia do Sagrado – Psicoterapia Transpessoal*, Editora Ágora, São Paulo, 1991.

QUADRO SINÓTICO

E G O

- Sentimento de onipotência
vaidade
orgulho
paranóia
tédio
- identificação com as defesas
- percepção "projetiva" (a pessoa percebe o mundo segundo suas projeções)
- isolamento (defensivo)
- relações de ambivalência e luta com o Outro
- conflitos interpessoais e intrapsíquicos
- negação do Outro e de parte de si mesmo
- medo de reconhecer o Outro em sua individualidade
- reconhecimento do Outro do ponto de vista de si mesmo (o Outro para mim)
- relações causadoras de sofrimento
- relações de dominação, autoritárias, de competição; presença de alto grau de destrutividade nas relações
- realização em ganhar
- realização em dominar
- utilização exacerbada do intelecto e do controle do ambiente
- realização em receber
- tendência ao estabelecimento de vínculos simbióticos com o mundo
- aprisionamento
- medo de ser rejeitado ou atacado (vítima)
- preso às situações da primeira infância, condicionado pelo passado
- nascimento para uma nova vida psíquica
- sentimento de culpa
- angústia
- ansiedade
- identidade presa aos objetos de identificação
- vazio existencial
- valores ligados ao Ego
- busca de segurança
- busca de solidez
- produção de fantasias (ligadas ao Ideal do Ego)
- ações voltadas ao interesse do Ego
- sintomas neuróticos e tensão corporal
- repressão das emoções e prisão nas cadeias de ação e reação emocionais; reações de agressividade e mágoa frente a frustrações
- inconsciência em relação às predisposições mentais que causam sofrimento

MORTE

- sentimento de impotência
- sensação de perigo/fraqueza
- perda das defesas e máscaras
- conscientização em relação às projeções e outros mecanismos de defesa
- solidão egóica (sensação de estar sozinho no mundo)
- acirramento dos conflitos
- sentimento de aniquilação de si próprio
- desejo de aniquilação do Outro
- surpresa e estranheza na presença de pessoas (conhecidas ou não)
- vivência de aspectos reprimidos da percepção (ex.: percepção da beleza do Outro, ou do processo de envelhecimento, etc.)
- crise relacional
- sentimento de submissão humilhante
- confusão
- solidão existencial (sensação de ser uma pessoa "individualizada")
- sensação de aprisionamento
- medo da morte
- medo da loucura
- medo da perda
- sentimento de desamparo e rejeição
- ressentimento/mágoa/sensação de perigo
- consciência da formação psíquica trazida do passado; lembrança de situações e episódios aos quais se sente preso
- sentimento de culpa ligado ao rompimento do vínculo simbiótico
- consciência da mistura do Eu com o Outro própria da simbiose
- tristeza, sensação de perda
- angústia
- ansiedade
- possibilidade de desidentificação
- crise de identidade
- vazio/angústia existencial
- crise de valores
- sensação de dissolução
- quebra da ilusão de solidez
- consciência intensa da produção de fantasias
- ativação dos sintomas; maior consciência dos sintomas
- maior percepção da tensão
- emergência de símbolos de abismo e ruptura; imagens de abismo
- catarses emocionais
- dificuldade em sair das cadeias de ação e reação
- consciência das predisposições mentais que causam sofrimento

TRANSCENDÊNCIA

- descoberta da potência
- descoberta das possibilidades que o mundo oferece
- reconhecimento de seus próprios limites e capacidades
- abertura perceptual
- desenvolvimento da percepção télica
- sentimento de participação; reconhecimento de si e do Outro como participantes de uma mesma realidade
- diminuição dos conflitos
- aceitação da existência do Outro
- sentimento de existir integralmente
- maior compreensão e reconhecimento do Outro (a partir dele mesmo e da forma como ele se sente no mundo)
- mudança no círculo relacional ou nas qualidades das relações
- ausência de autoritarismo, competição, dominação
- possibilidade de cooperação
- realização em ser
- realização maior em dar do que em receber
- diminuição da necessidade de controlar o ambiente
- sentimento de ligação; sentimento de troca
- sensação de descompressão
- dissolução das angústias e medos
- libertação em relação ao passado
- aparecimento de símbolos de morte/renascimento
- transformação da visão do passado
- possibilidade de transformação dos sentimentos
- possibilidade de vínculos relacionais sem traços simbióticos
- diminuição da angústia e ansiedade
- maior realização da individualidade sem o apego aos objetos de identificação
- vazio criador
- mudança de valores
- dissolução das coraças caracteriológicas
- desenvolvimento da capacidade de amor e confiança
- ações voltadas a interesses mais coletivos ou situacionais
- desbloqueio de energia
- relaxamento das tensões
- eliminação dos sintomas
- mudança na percepção corporal, mudança postural, sensações de alívio
- sensação de o corpo estar "centrado nele mesmo"
- desaparecimento das pressões corporais
- saída das cadeias de ação e reação
- sensação de liberdade
- transformação nas predisposições mentais
- maior neutralidade
- menos desejos pessoais presentes nos objetivos de vida
- insights acerca da vida; valorização da vida
- maior harmonia na relação com o mundo
- sentimento de unidade, humildade, tranqüilidade e paz

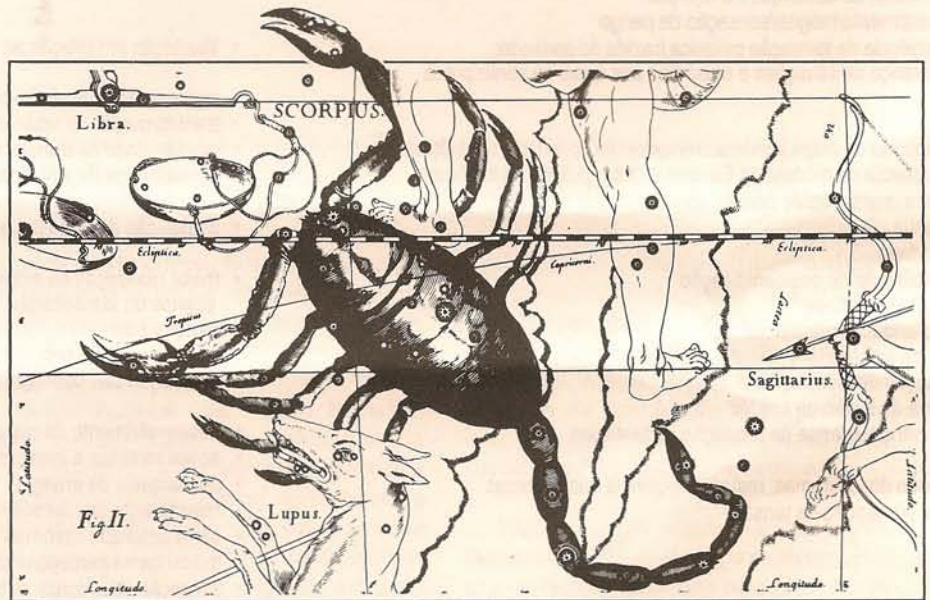
Escorpião, o signo da mudança

Cid Marcus

Idéias fixas, hábitos arraigados, apegos emocionais, tanto quanto acúmulos materiais, podem trazer muito sofrimento. O próprio Universo como um todo afasta a idéia de permanência, limitação ou medida. Escorpião é o signo astrológico que nos introduz às transformações.

O grande desligamento pelo qual temos que passar, marco inicial do nosso desenvolvimento pessoal, é caracterizado antes de qualquer coisa pelo desapareço do mundo instintivo. Esse distanciamento implica numa caminhada em direção do consciente, simbolizado pela luz, pelo sol, pelo céu luminoso. Muitas religiões, muitos mitos, muitas histórias nos falam desse desligamento da subsequente caminhada como tarefa essencial para o nosso desenvolvimento.

Na mitologia grega, os doze trabalhos de Hércules trazem essa proposta de caminho evolutivo, lembrando-nos, inclusive, a passagem do sol pelos doze signos zodiacais. No budismo, esse caminho é a chamada via óctupla. Para Buda, o caminho da libertação tem de ser percorrido com a visão de que tudo o que nele se encontra, do mais sórdido ao mais sublime, deverá servir para a transcendência e todas as experiências devem ser consideradas transitórias, pois o transitó-



Na lenda do gigante Orion, sua morte foi causada por uma picada de escorpião. Este episódio foi transplantado aos céus, onde na constelação conhecida com esse nome da Índia até o Mediterrâneo, o Escorpião está no encalço de Orion.

rio impregna tudo o que existe, tudo o que está submetido às leis do tempo.

O domínio da vida instintiva acena

com analogias: inconsciente, trevas, noite, lua, de um lado, e, de outro, consciente, luz, dia, sol. Uma passagem das trevas à luz. Desapegar-se,

ter autonomia, destacar-se, tornar-se independente é, pois, caminhar na direção da luz. Dominar a vida instintiva é sair do estágio pré-egóico, superar aquela fase em que os impulsos que nos fazem entrar em ação aparecem de forma espontânea, sem passar pelo crivo da experiência, da educação ou da reflexão. Aliás, etimologicamente, não é outro o significado de instinto: algo que nos pica interiormente, agulhão; algo que ocorre no interior, produzindo uma ação espontânea.

Como animal, o homem é instinto, só que esta faculdade, tão importante como as demais (inteligência, intuição etc.) deve ser ordenada. É através do instinto que nos relacionamos fisicamente com o mundo, com a realidade. Quanto mais instintivos, mais seremos afetados pelo que está à nossa volta. As respostas serão dadas sem reflexão, ato intelectual que os gregos chamavam *nous* e os latinos *ratio*. Essa faculdade de conhecer tanto se opõe ao instinto como à imaginação. Quando o instinto prevalece, não se pode a rigor falar de vida própria, mas de reflexos, pressões inconscientes, cargas emocionais, compulsões – não há escolhas, somos "escolhidos". A palavra obsessão, pelas suas raízes, nos remete exatamente a essas idéias: ficar cercado, à mercê, tornar-se refém. O conceito de paixão também não é outro: sofrimento, possessão. Iluminada pela luz do consciente, esta força pode se tornar fonte de progresso, de caminho evolutivo.

Na astrologia, certos astros – Vênus e Lua – nos falam muito de perto de tudo isto. Vênus e Lua revelam, respectivamente, com maior ou menor intensidade, dependendo de cada situação particular, padrões de fixidez, de imutabilidade e de dependência. Vênus, no plano material e afetivo (posses, bens, valores etc.). A Lua, indica os apegos emocionais, o passado, os hábitos, as memórias.

Como tudo o que está submetido às leis do tempo tem que desaparecer, como a vida exige mudanças constantes e escolhas sempre renovadas, apegar-se, não saber abrir mão, tentar

manter, não ver, em suma, o aspecto fenomenológico da vida, só pode levar a muito sofrimento. O signo astrológico que nos introduz nas transformações, inclusive a última, a morte, é Escorpião, o inimigo natural daquilo que quer durar, que não sabe mudar. O inimigo de Vênus e Lua, astros que geram as formas.

Um gigante entre os deuses

Há uma pequena história na mitologia grega que ilustra tudo isto. É a história do gigante Orion.

Na Beócia, região ao norte da Ática, vivia um camponês de nome Hirieu. Um dia, ele recebe a visita de três homens. Não sabe quem são, mas pelas roupas, pelas maneiras, conclui que devem ser pessoas ilustres. Para homenageá-los sacrifica uma novilha, o melhor animal dos poucos que possui. Durante o jantar, fala aos visitantes do seu desejo de ter um filho; como vive só, viúvo, isso seria impossível, acrescenta, mas sempre fica esperançoso de que um dia seu desejo se realize.

Na manhã seguinte, os visitantes se identificam ao camponês: são Zeus, Hermes e Poseidon. Prontificam-se a atender ao desejo de Hirieu. Pedem que ele recolha a pele do animal sacrificado, urinam sobre ela e mandam que ele a enterre. Nove meses depois, no local onde a pele foi enterrada, nasce um menino que recebe o nome de Orion (que em grego lembra urina). O menino logo se torna um gigante – ao andar pelos mares, os ombros e a cabeça ficam de fora.

Desde cedo, apaixonado pelas caçadas, entregava-se Orion inteiramente a esses prazeres em companhia de seu cão Sirius. De índole rude, fixado nos seus prazeres, profundamente sensual, amigo das bebidas, fazendo só o que o corpo pedia, perseguiu e teve muitas mulheres. Um dia, porém, resolve se casar com uma mulher chamada Sidéia, que lhe dá duas filhas. Logo Sidéia, ousando comparar a sua beleza com a da grande deusa Hera, é lançada no Tártaro,

o mais profundo do mundo infernal, para onde iam aqueles que pecavam contra a divindade.

Orion vai então à ilha de Quios, conhece o rei Enopion, que lhe promete entregar a filha Mérope se livrar a ilha das bestas selvagens que a infestavam. Discutem, Orion tenta violentar Mérope. Procura depois reconciliar-se com Enopion, embebedando-se, brigam. O rei, contudo, invocando a proteção de seu pai, o deus Dioniso, reúne forças para se vingar do gigante, vazando-lhe os olhos, deixando-o cego.

Tornando-se um ser errante, Orion, depois de muito perambular, chega a Lemnos, onde o deus Hefesto tinha as suas forjas. O deus lhe dá como guia Cedalion, seu antigo mestre. Montado nas costas do gigante, Cedalion, depois de consultar um oráculo, o leva através dos mares em direção do leste, do oriente. Recuperando a visão ao se voltar para a luz, Orion tenta voltar a Quios para se vingar de Enopion. Lá chegando, descobre que o rei havia se escondido num lugar inexpugnável com a ajuda de Hefesto.

Orion é raptado pela deusa Eos, a Aurora, irmã de Hélios e Selene, o sol e a lua, considerados fisicamente. Eos era a deusa da túnica cor de açafrão que surgia do oceano e que subia aos céus, abrindo-o, para dar passagem a Hélios com o seu carro de luz. Eos e Orion se apaixonam. Mas como os amores da deusa são efêmeros, ela o toma pela mão e o leva à ilha de Delos, a um templo dedicado a Ártemis, a grande deusa lunar vista como geradora das formas. Dali, em companhia da deusa, Orion vai para Creta, tornando-se seu companheiro de caçadas noturnas.

Logo o temperamento de Orion começa a causar problemas. Entrega-se à caça com espírito predatório; gaba-se mesmo de ter destruído quase totalmente os animais da ilha. É, o mais grave, investe não só contra as companheiras da deusa, mas contra a própria Ártemis, tentando agredí-la sexualmente. A deusa retira da terra uma criatura sua, um aracnídeo enor-

me, um escorpião, que pica o calcanhar do gigante, matando-o.

Lançado no Tártaro, Orion será de lá retirado por Zeus, que, a pedido da própria Ártemis, o transforma em uma constelação dos céus, para que o castigo fique para sempre na memória de todos. É nos céus, nas noites claras, que o gigante caçador, coberto com uma armadura dourada e com um gládio de bronze nas mãos, parece perseguir um conjunto de estrelas, as Plêiades, como fizera em vida. Todavia, seu brilho, seu grande esplendor diminui quando nos céus surge a constelação do Escorpião, que parece querer atingi-lo nos pés.

Esta a história. A seguir, comentários que recorrem a analogias de áreas diversas ajudam a interpretá-la.

Orion e as Plêiades

Beócia – Para o grego antigo, região central, acima da Ática, que era a região civilizada. A Beócia era uma região de agricultores, de camponeses sólidos, lentos, pesados.

Gigante – *Gegenes* ou *Guigantes* eram os que nasciam da terra, da grande mãe Géia, enorme, bruta, selvagem, mãe da primeira raça de deuses e homens. Eram seres ctônicos, titânicos, ligados à matéria, afastados do espírito. A monstruosidade física que os caracterizava (altura, deformações, aspecto animalesco às vezes etc.) se reflete num desregramento que vai se revelar nos planos social, ético, moral, sexual. Representam a falta de proporção, o descomedimento, a *hybris*. Fortes, brutais, invencíveis, hirsutos, simbolizam, em certo sentido, aquilo que temos que vencer para libertar a nossa personalidade do que ela tem de inferior. O famoso episódio da Gigantomaquia – luta entre deuses e gigantes – é um exemplo do combate contra esse lado obscuro para a transcendência. A luta foi ingente, pois os gigantes, como seres ctônicos, toda vez que tocavam a terra recuperavam as forças.

Hirieu – As etimologias são várias. Uns dizem que o nome lembra col-

méia; outros acenam com urina; outros, ainda, nos remetem ao nome de Hierieu e não Hirieu, o que leva a idéia de sacrifício, "aquele que sacrifica".

Orion – O nome admite o significado de urina e também de liberação de sêmen, ejaculação. Outra hipótese é a de que Orion lembre limite, isto é, buscar fronteiras. Extremamente apegado à sensualidade, ao que o corpo lhe pedia, às emoções, esse gigante mostrou que não sabia mudar, que não esquecia, fixado nos seus desejos. Mesmo nos céus, ainda parece perseguir as Plêiades, como fazia em vida.

Plêiades – Sete irmãs, filhas do gigante Atlas. Foram transformadas em estrelas para escapar da sanha de Orion. O nome vem de um verbo que significa navegar. Como estrelas, apareciam entre maio e outubro, meses bons para a navegação. Na Índia, são as amas de Kartikeia (nome do planeta Marte). Tudo isto traduz a idéia de que devemos navegar bem, fluir. Como as Híades, ninfas de Dioniso, outro grupo de estrelas, que representam as chuvas da primavera, exercem a função de condutoras, de preceptoras.

Caça – O simbolismo da caça tanto está na busca do superior como na busca de uma satisfação passageira – dependência dos mesmos prazeres, repetição infinita dos mesmos gestos. Exemplos de caçadores que trabalham com o lado superior: Dioniso, como Zagreu, é o chamado "Niktípole" por excelência, o grande caçador noturno, ao representar as forças de dissolução do ego que quer perdurar. Ártemis, a grande deusa lunar, é também uma caçadora noturna. Ela é a virgem sagitariana que com o seu arco dourado aniquila aqueles que se entregam aos seus instintos selvagens e à brutalidade, aqueles que não se preparam para assumir o caminho evolutivo.

Sírius – O cão de Orion. A palavra implica na idéia de luz, ardor, brilho. É a estrela mais brilhante dos céus (vinte e sete vezes mais que o nosso sol). Para os egípcios, era Osíris. Está na constelação do Cão Maior, para

onde parece caminhar nossa Via Láctea, o chamado caminho dos heróis da mitologia grega. O cão é animal psicopompo e, como tal, um animal do deus Hermes, guia dos homens na noite da morte.

Sidéia – Em grego é o nome da romã, símbolo da fertilidade, atributo de Hera e Afrodite. No Oriente, a romã aberta é o símbolo da vulva. Pressupõe a idéia de grande número, fala-nos de desejo, pecado, carência, doçuras malélicas, sedução.

Enopion – Filho de Dioniso e de Ariadne, "aquele que bebe muito vinho", líquido da imortalidade. Neste sentido, a bebida dos cultos orgiásticos de Dioniso, que levam à mudança, ao êxtase. Mas o vinho também embriaga e afasta do divino, liberando os instintos, acentuando-os, como acontece com os centauros.

O oráculo, Ártemis

Cegueira – Cego, Orion terá que se voltar para dentro, para sua realidade secreta. A luz terá de ser procurada no interior, como acontece com outro cego, Édipo. Isto, na Alquimia, corresponde ao chamado nigredo: processo de interiorização para se obter uma nova forma, através da dissolução das formas anteriores.

Lemnos-Hefesto – Lemnos é uma ilha vulcânica. Vulcano dos latinos, Hefesto é o grande reorganizador da matéria, como deus das forjas, artesão divino, mestre do sopro ígneo. Fisicamente defeituoso, feio, mas capaz de fazer coisas maravilhosas. Em Hefesto temos o encontro do divino e do humano, uma dupla natureza. É também o deus que prende pela habilidade criadora, que enfeitiça, fazendo esquecer o caminho evolutivo. Pela habilidade técnica, onde não entram preocupações morais ou éticas, é o deus dos feixes, dos nós, das soldas, de todas as gerações de industriais que viriam mais tarde, que só se contentam com a perfeição técnica. Esse o lado defeituoso, que se traduz fisicamente por um defeito nos pés. Hefesto dá a Orion um guia, Cedalion, uma espécie de Hermes, deus dos ca-

minhos; a palavra Cedalion lembra sábio, prudente, cabeça. Com o guia, Orion atravessa o oceano, símbolo da indeterminação, do caos, mas também de uma nova possibilidade.

Oráculo – Os oráculos são de Apolo, deus solar. Orion estava na noite do inconsciente. Ao se voltar para a luz, para o leste, recupera a visão. Todavia, não esquece; quer vingança, vai procurar Enopion.

Rapto de Eos – Ainda assim, Orion tem a oportunidade de se ligar à aurora, ao sol nascente. Viajar para o oriente é buscar a luz, a origem da luz. Daí a outra etimologia possível de Orion: elevar-se para a luz, começar de novo. Levado por Eos a Delos (luz, revelar, brilho) – ilha do Egeu onde nasceram Ártemis e Apolo, ali encontrará Ártemis.

Ártemis – Filha de Zeus e Leto, irmã gêmea de Apolo mas nascida antes dele, tem seu nome ligado a um ideal de pureza, de sagrado, de elementos intactos. Deusa da vegetação, dos animais, senhora do Agros, é a deusa sagitária (do ferrão que mata), curótrofa, que faz a passagem de todos os rebentos, ervas e animais à vida adulta. Leva, por isso, do conhecido ao desconhecido. Como Hécate, está ligada à morte das sementes. Num sentido mais amplo, é a passagem da infância à vida adulta. Como senhora do Agros é a dona do território nos confins das cidades, das zonas fronteiriças, entre o conhecido (protector) e o desconhecido, o grande mundo. Aqueles que ficam apegados à fonte, às origens, presos à célula, ao clã, ao inconsciente, aos hábitos, às emoções, não fluem. Esta faixa a ser atravessada é de Ártemis. Agros era a região que se estendia do Cerâmico, o cemitério de Atenas, a Elêusis, o lugar sagrado de Deméter. O condutor das procissões para Elêusis era Dioniso.

Enquanto o Sol propõe movimento e avanço no tempo e no espaço, a Lua nos liga às origens, nos faz descer ao passado, ao inconsciente, aos hábitos, às memórias. Estas duas forças têm que ser equilibradas. A maior parte das pessoas não distingue o emocional do racional, confunde o instintivo

com o intuitivo. Dominando as tendências lunares, ficamos presos, fixados, não atravessamos a região de Ártemis, como Orion.

A Lua indica tanto morte como possibilidade de renascimento. É divindade funerária ligada aos cultos agrários, como Hécate, sendo o marco divisor entre o humano e o divino. O território lunar terá que ser uma espécie de via intermediária, apresentando-nos possibilidades tanto de formação quanto de decomposição de organismos. A integração com o todo, o processo de "cosmização" não se dará sem esta passagem, que exige integridade. A virgindade de Ártemis significa isto: autodeterminação. A grande deusa lunar domina sozinha as passagens, certos ritos sociais, *efebia*, *cryptia*, docimasia etc. que hão de permitir a conquista de uma identidade própria.

Esta passagem é agônica, mas não podemos vacilar, hesitar. Aqueles que flutuam, que ficam indecisos, que olham para trás, como Orfeu, morrerão. O dardo da deusa sagitária os destruirá. Orion morrerá por uma picada no calcanhar, como Aquiles, outro "possuído". O aracnídeo que a deusa retira da terra, criação sua, será o seu vingador. A forma que se fixa, Orion, encontra então a sua destruição. Por este serviço o escorpião será levado aos céus, como instrumento da justiça cósmica.

Nos pés, a força e a destruição

Agros – Nos territórios lunares, nas zonas fronteiriças entre o conhecido e o desconhecido, além das muralhas da cidade, vivia também um deus, Pan, filho de Hermes, deus dos caminhos. Pan é a palavra grega para designar o grande todo. Gênio da natureza, metade homem, metade animal, toma diversas formas (Priapo, Aristeu, muitas vezes é confundido com os Sátiros), aparece nas procissões de Dioniso. Como grande divindade da natureza, Pan acaba por personificar a energia geradora que está no todo. Pan é o chamado do grande todo. Se não aceitamos o todo,

podemos entrar em pânico, terror inexplicável que o deus infunde, que se apossa das pessoas, dos pastores, dos viajantes, das ninfas, quando da travessia dos territórios lunares.

Outra divindade que vive no Agros é Dioniso. Ele está presente nas procissões noturnas que no outono saíam de Atenas para atravessar os territórios que levavam a Elêusis. Dioniso como Iakkos, é o condutor dessas procissões. A iniciação já havia ocorrido antes, na primavera, quando aqueles que desejavam participar das experiências eleusinas se entregavam às práticas preliminares. Então, o candidato se tornava *mystes*, isto é, iniciado.

Pés, calcanhar – O lugar preferido das serpentes e dos escorpiões para o ataque. É a base do corpo. Em última instância, são os pés que nos mantêm eretos. Atingidos, caímos. Os pés, para os gregos, indicavam a saída para a morte (os pés dos mortos ficavam sempre voltados para a porta de saída da casa). Em outra visão, os pés são símbolos fálicos. No homem evoluído, essa visão se enfraquece. Pés vulneráveis revelam no mito fraquezas que têm correspondência no plano psíquico. Hefesto, Aquiles, Édipo, Orion... Os pés encerram a totalidade das nossas energias, contêm o corpo todo. As transgressões, as quedas, violações das energias universais, são representadas por ferimentos nos pés. O drama da queda é expresso por muitos artistas medievais pelo esmagamento do calcanhar de Eva. Na Grécia, é a flecha de Páris, guiada por Apolo, deus arqueiro, solar, que matará Aquiles, ferindo-o no calcanhar. O sangue, vermelho, sairá por ali. Cóleras, paixões, emoções, a escória que precisa ser eliminada. O corpo de Aquiles, invulnerável, imortal, tinha o calcanhar como único ponto vulnerável. É por ele que o herói morre. Em muitas técnicas orientais de terapia corporal, encontramos nos calcanhares os genitais, centro de energia representado pelo planeta Marte. Se esta energia não for levada a níveis superiores, será fonte de destruição.

Os pés devem ser também tomados no sentido de medida, de unida-

de. Em muitas línguas podemos notar essa colocação, como no francês, por exemplo: *prendre son pied* significa ter prazer com falta de medida; o gordo que come demais, o glutão; o sovina que só deseja contar mais dinheiro etc. A expressão indica, às vezes, algo de obsceno. *Coup de pied de Vénus*, são os abusos venéreos, prazer em excesso, que trazem o golpe de Vênus. A idéia é de inconsciência, despreocupação, falta de medida, pouco caso com o que acontece, energia com liberdade total de movimentos.

No cristianismo, como sabemos, os pés têm muita importância. Cristo, ao lavar os pés dos apóstolos, estava transmitindo a eles a sua energia, pela ativação do plexo solar. A explicação vem da astrologia: o signo de Peixes governa a região dos pés; massageados, trabalhados, estaremos acionando os órgãos governados pelo signo oposto, Virgem – o plexo solar, no caso, centro através do qual o sol energiza nosso corpo.

No budismo, muito se poderia dizer dos vestígios pedis. Buda e os santos budistas não deixaram marcas tangíveis de sua passagem. São conhecidos mais pela ausência, trono vazio, pegadas etc. É este vazio que devemos seguir, como está nos ensinamentos, até a porta do sol, até os limites do cosmos, porque, depois, os traços desaparecem...

Bibliografia:

- *The Gods of the Greeks*, C. Kerényi, Thames & Hudson.
- *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque*, P. Chantraine, Paris.
- *L'Essence de la Mythologie*, Jung/Kerényi, Petite Bibliothèque, Payot.
- *Dicionário Mítico-Etimológico*, J. Brandão, Vol. I, Vozes.
- *Dictionnaire de La Mythologie*, Grant & Hazel, Seghers.
- *Dictionnaire des Symboles*, Chevalier & Cheerbrant, R. Laffont.

Cid Marcus Braga Vasques é advogado e jornalista, ministra aulas sobre teoria da comunicação, introdução à linguagem cinematográfica, mitologia grega e astrologia. Tem artigos publicados em revistas especializadas em publicidade e comunicação de massas, e outros, nas áreas de literatura, cinema, mitologia e astrologia.

AS MÁSCARAS DE DEUS

*Os labirintos de uma caverna nos Pireneus franceses revelam um tesouro de magia e religião do período Paleolítico. A aventura da descoberta é narrada no livro **Mitologia Primitiva**, primeiro dos quatro volumes da obra **As Máscaras de Deus**, de Joseph Campbell, a ser publicada pela Editora Palas Athena.*

Vamos entrar no grande complexo de passagens e câmaras iniciatórias, descobertas alguns dias antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial, 18 metros abaixo da superfície do solo de propriedade do conde Henri Bégouën e seus três filhos, em Montesquieu-Avantes (Ariège), nos Pireneus.

O conde chamou o labirinto de *Trois Frères* (Três Irmãos), em homenagem a seus filhos, que o encontraram. Os corredores, descidas, subidas e amplos salões contêm umas quatrocentas ou quinhentas pinturas e gravuras rupestres, muitas de cujas reproduções ainda não foram publicadas. Mas o trabalho paciente, ano após ano, do abade Breuil, decalcando, decifrando e desemaranhando as figuras, interpretando-as e fotogra-

fando-as, já revelou uma tal galeria, que podemos considerar essa caverna o tesouro mais rico em vestígios da experiência ritual e tradição mitológica do Paleolítico tardio descoberto até hoje. Um declive de rocha no subsolo separa-o da gruta adjacente de Tuc d'Audoubert com seu santuário da dança dos búfalos macho e fêmea.

Tuc d'Audoubert foi descoberta pelo conde e seus filhos apenas dois anos antes de entrarem no País das Maravilhas de *Trois Frères*. Esses dois sistemas subterrâneos juntos, compreendendo no mínimo 1600 metros de caminhos labirínticos, devem ter constituído, no longo período em que foram usados, um dos centros mais importantes de magia e religião – se não, de fato, o maior – do mundo. O período em que foram usados, aliás, foi de pelo menos vinte mil anos.

PINTURA RUPESTRE,
Lascaux (Dordonha), França



Em 20 de julho de 1914, atravessando uma vasta campina a caminho de uma visita à caverna que tinham descoberto dois anos antes, o conde e seus filhos procuravam a sombra de uma árvore para refrescar-se. Um camponês que passava, percebendo a dificuldade deles, sugeriu que fossem ao *trou souffleur*, onde um vento fresco vinha do solo mesmo nos dias mais quentes. Tendo em mente as cavernas, eles seguiram a direção indicada e encontraram o "buraco do vento" atrás de uma moita de arbustos. Os rapazes o ampliaram e um deles desceu, preso a uma corda que haviam trazido para a outra aventura. Ele foi descendo cada vez mais fundo e quando parou tinha descido cerca de 36 metros. Havia levado consigo um rolo de fio que foi deixando atrás de si, como Teseu no labirinto do Minotauro, e também uma lanterna de mineiro para iluminar os corredores que não tinham sido percorridos por mais de dez mil anos. O pai e os irmãos, à espera, ficaram nervosos: fazia mais de uma hora que ele desaparecera. Então houve um puxão e eles o guindaram explodindo de euforia: "Uma caverna totalmente nova! Com centenas de pinturas!" contou. Entretanto, a guerra eclodiu em um mês e só em 1918 a exploração da caverna foi concluída e o abade Breuil foi convidado a iniciar seu estudo.

"O chão é úmido e viscoso", escreveu o dr. Herbert Kühn ao descrever

sua visita à caverna em 1926, "temos que tomar muito cuidado para não escorregar no caminho rochoso. Ele sobe e desce até chegar a um corredor estreito com cerca de 9 metros de comprimento, através do qual é preciso andar de rastos. E novamente se chega a grandes saguões e outros corredores estreitos. Em uma ampla galeria há grande quantidade de manchas vermelhas e negras e mais nada.

Que magníficas são as estalactites! Pode-se ouvir a queda suave da água gotejando do teto. Não há nenhum outro som e nada se move (...) O silêncio é soturno. A galeria é ampla e longa e depois vem um túnel muito baixo. Colocamos nossa lanterna no chão e a empurramos para dentro do buraco. Louis (o filho mais velho do conde) foi na frente, em seguida o professor von Giffen (de Groningen, Holanda), depois Rita (a senhora Kühn) e finalmente eu próprio. Posso ouvir os outros gemendo à minha frente e ver quão lentamente suas lanternas avançam. Com os braços comprimidos contra o corpo, arrastamo-nos para a frente de barriga no chão, como cobras. A passagem, em alguns lugares, mal tem 30 centímetros de altura, de maneira que é preciso colar o rosto no chão. Senti-me como se estivesse movendo-me dentro de um caixão. Não se pode levantar a cabeça, não se pode respirar. E então, finalmente, a toca torna-se um pouco mais alta. Pode-se enfim des-

cansar sobre os antebraços. Mas não por muito tempo; o caminho novamente se estreita. E assim, metro a metro, avança-se com dificuldade: cerca de 40 metros no total. Ninguém fala. As lanternas avançam lentamente e nos arrastamos atrás delas. Ouço os outros gemendo, meu coração batendo e é difícil respirar. É terrível ter o teto tão próximo da cabeça. E ele é muito duro; eu bato a cabeça uma e outra vez. "Isto jamais vai acabar?" Então, subitamente, chegamos ao fim e todo mundo respira. É como uma redenção.

O saguão em que estamos agora é gigantesco. Fazemos a luz das lanternas percorrer o teto e as paredes: um salão majestoso – e ali, finalmente, estão as pinturas. De cima a baixo, toda uma parede é coberta de gravuras. A superfície foi trabalhada com instrumentos de pedra e ali vemos dispostos os animais que viviam naquela época no Sul da França: o mamute, o rinoceronte, o bisão, o cavalo selvagem, o urso, o asno selvagem, a rena, o carcaju, o boi almiscarado. Os animais menores também aparecem: corujas da neve, lebres e peixes. E vêem-se dardos em toda parte, disparados contra a caça. Várias pinturas de ursos atraem particularmente, porque têm furos onde as imagens foram atingidas e o sangue é mostrado jorrando de suas bocas. Uma verdadeira representação de caça: a imagem da magia da caça."

Sonhar resolve?

Stanley Krippner

Nem sempre neurologistas e psicólogos concordam quanto à origem e finalidade dos sonhos. Mas um fato é incontestável: muitas descobertas criativas na ciência e nas artes tiveram algo a ver com sonhos.

Ingmar Bergman usou imagens de seus sonhos como fontes de inspiração para alguns filmes. A idéia para escrever *A História de Sofia* partiu de um sonho de William Styron. Exemplos semelhantes não faltam. Ainda assim, é razoável esperar que a solução de um problema venha de um sonho?

A julgar pelo trabalho de William Dement, pesquisador de sonhos, que já estudava o assunto na década de 70, a expectativa não tem nada de absurdo. Num estudo entre 500 estudantes voluntários da Universidade de Stanford, por exemplo, cada um recebeu um problema, um questionário e instruções para não olhar o problema até 15 minutos antes de retirar-se. A seguir, deveria procurar a solução durante 15 minutos antes de ir dormir. Na manhã seguinte, deveria anotar tudo o que lembrasse ter sonhado essa noite. Se o problema continuasse sem solução, dedicaria mais 15 minutos a procurá-la.

Dos três problemas distribuídos, o primeiro dizia: *as letras O, T, T, F e F constituem o começo de uma sequência infinita. Qual é a regra para determinar uma ou todas as letras sucessivas? Quais as duas letras seguintes da sequência segundo essa regra?*

O segundo problema era: *considere as letras H, I, J, K, L, M, N, O. A solução deste problema é uma palavra. Qual é ela?*

O enunciado do terceiro problema era: *observe a sequência 8, 5, 4, 9, 1, 7, 6, 3, 2. Qual a regra desta ordem?*

No primeiro problema, a regra é que as letras são as primeiras das palavras inglesas *one, two, three, four, five*, de modo que as duas letras seguintes são *S*, de *six*, e novamente *S*, de *seven*.

No segundo, a solução é *água*, ou H_2O , a fórmula química indicando que a água consiste de duas partes de hidrogênio para uma de oxigênio (em inglês, 2 é "two", que se pronuncia como "to", que significa "até"). No caso, as letras iam de *H até O*, ou seja, *H to O*.

No terceiro problema, a regra é que os números estão dispostos em ordem alfabética quando pronunciados em inglês.

Os questionários registraram 1.148 tentativas de solução. Do total, 87 pareciam relacionadas com sonhos relevantes (53 diretamente e 34 indi-

retamente relacionadas). Soluções corretas, no entanto, apareceram apenas nove vezes e duas delas foram achadas logo nos 15 minutos antes da saída.

Dement admitiu, como falhas do estudo, que os estudantes não tinham nenhuma motivação forte para solucionar os quebra-cabeças e que os problemas não refletiam uma criatividade de alto nível. Ainda assim, algumas respostas serviram para mostrar como os sonhos tentam resolver problemas. Um estudante solucionou o primeiro problema depois do seguinte sonho: "Estava numa galeria de arte olhando as pinturas. Enquanto andava pela galeria, comecei a contar os quadros *one, two, three, four, five*. Quando cheguei ao sexto e ao sétimo, os quadros haviam sido retirados das molduras! Olhei fixamente para as molduras vazias, com a estranha sensação de que algum mistério estava a ponto de ser resolvido. De repente, percebi que o sexto e o sétimo espaço eram a solução do problema". Neste caso, o estudante chegou à solução por um tipo de processo mental difícil de aplicar deliberadamente, mas comum em sonhos.

Outro estudante acreditou ter resolvido o segundo problema antes de

adormecer, afirmando: "alfabeto" – uma resposta incorreta. Ele contou, no entanto, que tivera "vários sonhos, todos eles com água em algum lugar. Em um, estava caçando tubarões. Em outro, flutuava sobre as ondas no oceano e em outro me defrontei com uma barracuda quando mergulhava. Houve outro sonho em que chovia forte e mais um onde eu velejava ao vento." Em suma, os processos de solução do problema do estudante continuavam em ação, embora ele julgasse ter deixado a questão de lado antes de adormecer.

Coincidência ou premonição?

Com base no experimento de Dement e em outros semelhantes, Christopher Evans, autor de *Landscapes of the Night*, concluiu que a análise dos elementos-chave de um sonho ocorrido em um período em que uma pessoa está trabalhando em um problema, pode propiciar uma solução. Para tirar proveito de tal sonho, entretanto, é preciso investir certa quantidade de esforço. A solução "pode ocorrer num lampejo súbito, mas é mais provável que você tenha que empenhar-se para ajudá-la a vir à tona", ele diz no livro.

Em outras palavras, os sonhos não resolvem os problemas de todo mundo, mas fornecem uma pista bastante encorajadora para justificar a atenção do sonhador. Basta considerar quantas vezes ajudaram a solucionar os problemas de pessoas célebres ou de estudos científicos.

Na história do islamismo há exemplos da criatividade dos sonhos. Conta-se que um seguidor de Maomé, Abdullah ben Zayd, sabia que Maomé procurava um chamado à oração que fosse reconhecido pelos fiéis, assim como os judeus eram convocados à sinagoga por uma trombeta e os primeiros cristãos à igreja por um chocalho. Durante as orações, ben Zayd adormeceu e sonhou com um homem vestido de verde que segurava um chocalho. Ben Zayd perguntou-lhe se poderia comprá-lo e usá-lo para chamar os fiéis às orações. O homem de verde respondeu: "Grite: 'Não há senão um Deus e Maomé é seu Profeta' ". Ao acordar, ben Zayd contou seu sonho a Maomé. O Profeta mandou que ensinasse a frase, tal como a tinha ouvido, a outro fiel, que se tornou o primeiro muezim – o primeiro fiel a anunciar, em voz alta, a hora das preces. Anos mais tarde, o líder muçulmano Tariq Ibn-Ziyad teve um sonho em que Maomé e seus seguidores apareciam armados de espadas e lanças e Maomé mandava que avançassem para Andaluzia. Na manhã seguinte, Tariq começou a planejar a invasão da Espanha.

Sonhos serviram de guia a muitas figuras históricas como Harriet Tubman, uma escrava foragida que conduziu centenas de companheiros à liberdade nos Estados Unidos, nos anos que antecederam a Guerra Civil. Tubman usava uma "ferrovia secreta": um sistema de estações secundárias controladas por anti-escravagistas, e em suas incursões de resgate pelo Sul dos Estados Unidos jamais perdeu um "passageiro". Conduzindo os foragidos a pé sob todo tipo de condições climáticas, escapando de patrulhas de caçadores de escravos alentados pela promessa de grandes recompensas, ela ajudou os próprios membros de sua família a fugir alguns dias antes de que pesasse sobre

eles a acusação de terem auxiliado um fugitivo. Tubman declarou que Deus dirigia suas ações e que os sonhos a ajudavam a encontrar os caminhos para a liberdade.

Uma noite, Harriet Tubman sonhou com uma serpente de três cabeças que tentava lhe falar. Uma cabeça parecia-se com o líder abolicionista John Brown e as outras pareciam ser de rapazes. Uma multidão acorreu e cortou as cabeças das serpentes. Pouco depois, John Brown e seus dois filhos foram mortos em Harper's Ferry, um local ao qual Tubman havia sido convidada – ela não compareceu em parte por causa do sonho. Está aí um sonho anômalo que pode ser pura coincidência ou sugerir que algumas soluções, em alguns sonhos, de alguma forma são capazes de alcançar acontecimentos futuros.

Carro enguiçado = vida parada?

Os psicoterapeutas com frequência ressaltam o potencial criativo dos sonhos. Alguns se valem deles para administrar o progresso dos pacientes, observando como o terapeuta e o processo terapêutico são representados em símbolos e metáforas. Outros procuram nos sonhos pistas de material reprimido, traumas passados, problemas irresolvidos. Outros, ainda, buscam sinais de fases eminentes de desenvolvimento e possíveis "ensaaios" de comportamentos incipientes. Há também os que acreditam que os sonhos podem conter informações importantes sobre a psicodinâmica do paciente, seus traços de caráter e seus problemas vitais.

Um dado que conviria os terapeutas lembrarem é que as imagens em movimento dos sonhos são basicamente visuais. É compreensível, considerando-se que o córtex motor e visual é o local que recebe maior estimulação durante o sono REM (de *rapid eye movements*, ou movimentos rápidos dos olhos). Se um paciente traz uma porção de sonhos envolvendo movimento, em vez de concluir "ele está querendo fugir de seus problemas", deveria considerar-se que,



OH, COMO SONHEI COISAS IMPOSSÍVEIS,
William Blake (1757 - 1827).

nos sonhos, o movimento resulta do estímulo de uma descarga fortuita dos centros inferiores do cérebro. É por isso que se pode sonhar com tortura sem sentir dor. Mais do que interpretar a ausência de dor de um ponto de vista psicodinâmico ("este paciente está dissociado de seus sentimentos"), o terapeuta teria que lembrar que a parte do córtex responsável pela percepção do estímulo da dor raramente é estimulada durante o sono REM. A interpretação de símbolos e metáforas dos sonhos também exige certo cuidado. Um paciente pode sonhar com um carro enguiçado porque sua vida está emperrada, mas também pode tratar-se de um lembrete de que está na hora de levar o carro ao mecânico.

A verdade é que após três décadas de intensos esforços científicos, a controvérsia continua. Muitos psicoterapeutas acusam os neurocientistas de reducionistas e muitos investigadores do cérebro alegam que psiquiatras e psicólogos clínicos são dualistas e místicos. Alguns dados recentes podem favorecer a aproximação de pontos de vista fisiológicos e psicológicos.

Freud e os outros

As pesquisas têm demonstrado que os neurônios relacionados com a atenção e a memória repousam durante o sono, especialmente durante os estágios em que a maioria dos sonhos acontecem. Enquanto essas células repousam, os neurônios sensoriais-motores se desinibem e entram periodicamente em ação, mecanismo que visa manter em atividade muitos circuitos cerebrais. Essa atividade dos neurônios pode propiciar a consolidação de experiências diurnas e a comparação entre velhas e novas informações. Daí a sugestão de que o cérebro seja realmente criativo durante o sono: surgem novas idéias, novos sentimentos e, consciente ou inconscientemente, novas soluções para velhos problemas.

Pesquisas em laboratório indicam que o sono com sonhos é marcado por rápidos movimentos dos olhos, estágio designado como sono REM ou como uma "terceira forma básica da

existência humana". As vibrações do cérebro que caracterizam o estágio REM originam-se na base do cérebro e difundem-se para cima através do mesencéfalo, ou "cérebro novo".

Os neurofisiologistas J. Allan Hobson e Robert W. McCarley levantaram a hipótese de que os elementos dos sonhos resultem da seguinte síntese: durante o sono REM, os neurônios da base do cérebro ativam especialmente o córtex visual e o córtex motor, gerando os movimentos rápidos dos olhos, além de várias atividades sensoriais-motoras e aspectos do sistema produtor de afetos e emoções. Essas informações internas são relacionadas e comparadas com informações armazenadas sobre as experiências passadas do organismo. Portanto, para Hobson e McCarley "os sonhos (...) são resultado da expressão direta desse esforço de síntese". Em outras palavras, o cérebro é ativado internamente, sintetiza essas informações e forma os correspondentes fisiológicos da experiência onírica: as lembranças são esquadrihadas à procura de imagens que se casem com os padrões gerados internamente. Assim são construídas as tramas adequadas a esse processo de auto-estimulação. "Durante o sono REM, o sono e a mente parecem empenhados em um fantástico processo de criação", observa Hobson. "Cada um de nós é um surrealista à noite, durante cada sonho. Cada um é um Picasso, um Dali, um Fellini – o deleitável e o macabro plenamente entrelaçados", ele diz.

Hobson e McCarley notam ainda que estímulos externos – flutuações de luz, som, temperatura – podem ser incorporados ao conteúdo dos sonhos. Um aumento da temperatura ambiente pode levar o sonho para um deserto, por exemplo. O fato de os sonhos sintetizarem tantos elementos provenientes de estímulos internos, externos e do banco de dados do próprio sonhador, demonstra seu notável poder criativo.

Embora muitos psicanalistas ortodoxos e outros psicoterapeutas insistam em que existem determinantes psicodinâmicas para cada fragmento

de conteúdo onírico, Freud nunca assumiu essa posição dogmática. Ele admitia que estímulos sensoriais externos e estímulos somáticos internos podiam provocar o sonho, embora atribuisse uma função mais crítica aos fatores psicodinâmicos. Hobson e McCarley, ao contrário, atribuíram a função-chave à estimulação interna.

A diferença entre Freud e Hobson e McCarley poderia ser considerada uma questão de grau. Por outro lado, também se poderia afirmar que a neurofisiologia da pessoa determina o estado típico em que os sonhos ocorrem, mas não seu conteúdo ou que esse conteúdo é determinado pelas ocorrências da vida e suas relações específicas com o passado e não por descargas fortuitas dos neurônios. Os dois pontos de vista, entretanto, concordam em que alguns sonhos merecem maior atenção do sonhador que outros. E se Hobson e McCarley estiverem pelo menos parcialmente certos, não seria mesmo de esperar que todos os elementos do sonho fizessem igual sentido, já que alguns ítems podem refletir estímulos internos ou externos que não combinam facilmente com o banco de dados de lembranças.

Sonhos, melhor lembrá-los

Há outras questões sobre as quais Hobson e McCarley divergem radicalmente de Freud. Para Freud, os sonhos eram os guardiões do sono; para Hobson e McCarley, tanto o sono quanto o sonho são funções fisiológicas que ocorrem de maneira cíclica por toda a noite. Para Freud, o sonho relatado – ou conteúdo manifesto – oculta o sonho significativo ou conteúdo latente. Para Hobson e McCarley, o conteúdo manifesto é o sonho: as imagens do sonho mais revelam do que ocultam.

O ponto de vista de Hobson e McCarley gerou algumas críticas e controvérsias. Foi dito, por exemplo, que a teoria não explica bem a interação entre os efeitos neurofisiológicos e psicológicos e nem por que certos sonhos que ocorrem a noite inteira estão relacionados em termos de conteúdo; que a teoria é excessivamente

mecanicista etc. Sem dúvida, Hobson e McCarley ainda têm muitas pesquisas a realizar antes de poderem responder a essas e outras objeções. Mas, se a teoria da ativação-síntese estiver correta, significa que qualquer número de funções psicológicas pode-se sobrepôr aos processos biológicos básicos. Por exemplo, integrando experiências diurnas com lembranças armazenadas, fornecendo válvulas de segurança para o sonhador lidar com questões e acontecimentos perturbadores, apontando problemas irresolvidos e oferecendo soluções provisórias.

Alguns autores alegam que os sonhos têm apenas a função de remover conexões desnecessárias produzidas entre as células cerebrais durante a vigília e, por isso, o melhor seria esquecer-los. Mas, mesmo que essa função neurológica ocorra, esquecer os sonhos não é um bom conselho. O pensamento divergente pode conter idéias criativas e a solução criativa de problemas, nos níveis interpessoal, comunitário e internacional é uma necessidade premente no mundo de hoje.

Provenientes dos níveis profundos da psique, os sonhos são a oportunidade de os murmúrios mais fundamentais do espírito humano se exprimirem com criatividade. Um mundo em perigo, exatamente como um indivíduo em dificuldades, anseia pela cura, qualquer que seja a fonte de onde ela emane. Pesquisas com sonhos demonstraram que o cérebro humano tem capacidade de imaginação. Embora o sistema às vezes seja propenso a erros, também pode propiciar uma ajuda efetiva para o auto-entendimento. Sonhos ocorrem virtualmente todas as noites: eles estão sempre disponíveis para ir em auxílio dos sonhadores, sua sociedade e seu mundo.

Stanley Krippner, Ph.D., é diretor do Centro para Estudos da Consciência no Saybrook Institute de San Francisco. Este artigo foi extraído de uma conferência pronunciada na *American Psychological Association* durante o simpósio *Innovative Approaches to the Interpretation of Dreams in Psychotherapy*.

NOVO LANÇAMENTO EDITORIA PALAS ATHENA



O que têm a ver conosco as grandes questões da filosofia? Que relação guardam as idéias de Sócrates, Platão, Pitágoras, Descartes, Hume e Wittgenstein com a nossa busca de uma maior compreensão de nós mesmos e do mundo em que vivemos? São assuntos que Jacob Needleman traz à tona de modo simples e direto, devolvendo à filosofia seu papel original – auxiliar o homem a recordar quem ele é e seu lugar no universo.

Através de suas experiências como professor e filósofo interessado e engajado em nosso mundo, o professor Needleman nos revela um estado de ser no qual a energia da verdade atinge tanto os momentos de reflexão quanto os afazeres do dia-a-dia.

Raras vezes encontramos um mestre da estatura do autor, capaz de despertar uma compreensão tão profunda a ponto de resgatar em nós o sentimento de assombro.



EDITORIA PALAS ATHENA

Rua José Bento, 384 - CEP 01523 - São Paulo - SP.
Fones: (011) 279.6288 e 270.6979

PAZ NO MUNDO

Chagdud Tulku Rinpoche

*Paz e harmonia em lugar de conflitos.
Segundo a tradição Nyingma do budismo
tibetano, uma mudança que deve
surgir a partir de corações e mentes.*



Para trabalhar a favor de uma mudança social não-violenta é preciso, em primeiro lugar, estabelecer uma forte motivação, uma forte intenção de agir no sentido de criar grandes benefícios, para nós mesmos e para os outros. Os ensinamentos da tradição Nyingma do budismo tibetano mostram como podemos ampliar esta motivação pura, vinda do coração, transformando-a em ação efetivamente pacífica no mundo.

Diante de experiências difíceis, nossa tendência é apegar-nos a nossas próprias idéias, nossas próprias noções sobre o que é verdadeiro, o que é correto. Não só nos aferramos a nossas idéias, como tentamos impô-las, às vezes à força. Com isso, muitas vezes criamos conflito no mundo externo, mesmo com as pessoas que nos são próximas, como nossa família.

Como resolver esse tipo de conflito?

O primeiro passo é entender que, como seres humanos, enquanto dispomos deste corpo, temos uma oportunidade preciosa e importante. Uma oportunidade que também é muito curta.

Suponhamos que nosso trabalho seja muito pesado – trabalhamos dia e noite meses a fio até conseguirmos um dia de folga. É fácil reconhecer a oportunidade maravilhosa que esse dia representa. Então, resolvemos compartilhá-la com alguns amigos: vamos todos fazer um piquenique! Estamos entre essas pessoas que consideramos amigas e nos pomos a discutir. Quem vai sentar onde, quem vai comer o quê, quanto cada um pode comer, quem vai ficar com a coberta... Desperdiçamos totalmente nossa tarde. Logo o sol se põe, ou a chuva vem e o dia acaba.

Nossa vida humana é como esse piquenique. Temos uma grande oportunidade juntos, um tempo fértil em alegrias. Mas, se usarmos essa oportunidade para ficar discutindo, dizendo "eu estou certo, você está errado", para tentar impor nossa vontade aos outros, a estaremos usando para criar conflitos. Assim, jogamos fora nossas chances de felicidade. Compreender isto, e compreender que nossa oportunidade é breve, é fundamental.

Nossa compreensão não basta para fazer os conflitos desaparecerem, porque as outras pessoas não têm, necessariamente, a mesma compreensão. Mas, se nós compreendemos, quando vemos outras pessoas criando conflitos, podemos ter outra perspectiva, outra visão das coisas.

Enxergamos que elas não compreendem, que não sabem o que estão fazendo. Aham que suas ações são

produtivas quando, de fato, não trarão nenhum benefício para os outros ou para elas mesmas. A longo prazo, não só elas próprias sairão perdendo, como estarão contribuindo para que outros sejam privados de felicidade. Estarão jogando fora sua felicidade e criando sofrimento para si e para os outros.

Em vez de julgar – "estas pessoas são terríveis" – desenvolvemos compaixão. Sentimos tristeza: "Como é trágico. Estas pessoas estão fazendo mau uso de uma oportunidade maravilhosa. Estão fazendo mau uso de suas energias".

Ao enxergarmos que a falta de compreensão fará as pessoas criarem sofrimentos para os outros (com quem entram em conflito) e para si mesmas, nós agimos. Agimos, não só para salvar aqueles que percebemos como vítimas, como objeto da raiva de alguém, mas também porque compreendemos que todos sofrem com a situação, todos perdem com ela – ninguém sai ganhando. Agimos movidos pela compaixão – por igual compaixão para com todos.

Compaixão: não somos deuses

Como seres humanos todos, naturalmente, sentimos compaixão. Mas é uma compaixão limitada. Quando vemos alguém sofrer, naturalmente pensamos "que terrível, esta pessoa está sofrendo". E isto é muito bom. Não há nada de errado com isto. O problema é que essa compaixão é limitada. Se vemos que uma pessoa está prestes a matar alguém, sentimos raiva do assassino e compaixão pela vítima. Este é um erro que vem do estreitamento da mente.

Precisamos alargar nossa compaixão, desenvolvê-la mais e mais. E compreender que a pessoa que está matando, de fato não entende os efeitos de suas ações. Para ela, matar vai resolver seu problema, eliminando o inimigo. Acontece que, ao matar, faz uma série de inimigos – a família da vítima, os amigos da vítima, o governo, a polícia são inimigos com os

quais terá de lidar o resto da vida.

Se vemos isto e compreendemos o que está acontecendo, sentimos "como é triste o erro que esta pessoa está cometendo, trazendo sofrimento para si própria". Então agimos. Para salvar a pessoa que iria matar dos efeitos de suas próprias ações e para salvar a pessoa que iria ser morta. Com igual compaixão por ambas.

Agir desta maneira nem sempre é fácil. Imagine que seu filho esteja brincando na rua. Você vê que ele pode ser atropelado por um carro. Ele não quer sair da rua. Você o puxa e ele chuta, morde, arranha. Mas nem por isso você desiste; nem por isso você o deixa lá na rua, para morrer. Por causa de nossa compaixão, praticamos a paciência, compreendemos algo que, em sua imaturidade, a criança não entende. Conservamos nossa paciência e também nosso ânimo.

Da mesma forma, onde quer que nosso trabalho se dê – seja para salvar o meio-ambiente ou fazer cessar a guerra – ele não é fácil. Você não vai até outra pessoa, diz a ela o que sente e ela responde "está bem, vou parar a guerra". Não é assim que as coisas acontecem. A pessoa não concorda de imediato.

Quando a pessoa reage, em vez de nos enraivecemos, compreendemos que ela está criando seus próprios erros, suas próprias dificuldades para o futuro. Por isso nasce em nós a compaixão. Compaixão pelo agente do problema e pela vítima do problema. Não perdemos a paciência; vemos os resultados a longo prazo para todos os envolvidos.

Com paciência, com uma compaixão equânime, temos capacidade para lidar com todo tipo de dificuldade que surgir. Quanto mais paciência, compaixão e amor tivermos, maior nossa diligência e entusiasmo para lidar com nossas tarefas.

A melhor coisa é podermos levar a cabo todas nossas ações com compaixão e amor.

Compaixão é o desejo de que o

sofrimento dos outros cesse. Amor é o desejo de que todas as pessoas encontrem felicidade.

Além disso, praticamos esta atitude sobre uma base de equanimidade, reconhecendo que todos os seres sofrem igualmente. Se alguém comete um erro, não ignoramos simplesmente o erro e deixamos de agir. Agimos, mas não movidos pela raiva.

Primeiro, precisamos reconhecer que somos todos humanos. Ninguém é um deus. Todos temos defeitos; todos temos raiva, desejo, ignorância. Quando alguém comete um erro, não está fazendo nada muito diferente dos outros. Aceitamos: é assim que as coisas são; somos todos humanos, todos erramos. Ao mesmo tempo, reconhecemos que a situação não é imutável. Empenhamo-nos para mudá-la, para consertá-la.

Para isso, precisamos de habilidade. Então, temos que dedicar-nos a aprender mais, a desenvolver maior capacidade de beneficiar os outros.

Impermanência: uma vida sem apegos

Lendo todas estas coisas as entendemos conceitualmente. Mas, quando chega a hora de aplicá-las na vida, por vezes nossas ações não correspondem à nossa compreensão. Às vezes uma contrariedade nos enraivece, embora não seja o tipo de reação que gostaríamos de ter.

A forma de lidar com isso é contemplar a impermanência, vez após vez, após vez, após vez... Contemplamos a impermanência porque é uma verdade básica que permeia toda a existência. Todos os seres que nascem, em razão desse próprio fato, estão fadados a morrer. A vida não dura tanto tempo assim. Se verdadeiramente tomamos conhecimento desse aspecto, se o compreendemos em profundidade, quando alguma coisa sai errado não fazemos tanto drama. Compreendemos que, quer as condições sejam boas ou ruins, alegres ou tristes, não vão durar tanto. Não quer dizer que as ignoremos ou deixemos

de enfrentá-las. Quer dizer que não lidamos com elas com o mesmo apego, por causa de nossa compreensão. Isso nos ajuda a ser mais amorosos, mais cuidadosos em todos os relacionamentos.

Se, por exemplo, alguém está fazendo algo errado, se está prejudicando outra pessoa, não lhe dizemos: "Você é um mau caráter, pare com isso" – não geramos sentimentos negativos. É como com uma criança. Se só lhe dizemos: "Você está errada. Não faça isto. Não faça aquilo", o resultado não será bom. Se, ao contrário, com delicadeza, amorosamente, dissermos: "Você é uma boa pessoa, gostei do que você fez, foi bom. Mas, neste ponto em particular, acho que isto pode vir a criar dificuldades, talvez você pudesse experimentar fazer deste outro modo", ela pode ser muito mais receptiva do que se estivéssemos bravos, dizendo-lhe como é péssima.

Assim, agindo com delicadeza e bondade no coração, de forma consistente, dia após dia, as coisas mudarão. Na medida em que nossa própria mente for calma, na medida em que cada um de nós reduzir as negatividades de sua mente, nessa medida vamos ter influência sobre os outros.

Se ensinarmos a um papagaio "não pratique o mal, não machuque os outros", ele pode ficar na gaiola repetindo isso. Mas, no instante em que um inseto entrar na gaiola, adeus inseto! O papagaio nada internalizou. Ficou só repetindo. Do mesmo modo, dizer aos outros: "Mude isto porque está errado", manifestando muita raiva enquanto falamos, não funciona. Não funcionará enquanto, ao dizer "parem a guerra, não se deixem levar pela raiva", não abandonarmos nossa própria raiva.

Temos que representar o que dizemos aos outros. Temos que encarnar o que dizemos. Para incorporar isto ao nosso ser, de modo a aplicá-lo a nossa própria vida, precisamos contemplar muitas e muitas vezes, repetidamente. Na medida em que nós mesmos mudamos, nossa mente muda. Na mesma medida, temos capacidade de influenciar os outros.

Perguntas e respostas

Pergunta: *Diante de uma situação da qual não gostamos, onde há uma pessoa agindo de modo que consideramos errado, se dissermos apenas "coitada, não sabe o que faz" há o risco de adotarmos uma postura paternalista, condescendente. Achamos que nós sabemos e a outra pessoa não sabe. Isto também pode ser uma armadilha. Como lidar com uma situação assim?*

Resposta: Dentro de nossa própria atitude, em nossa mente, precisamos ter clareza. Caso contrário, não teremos compaixão. Se não tivermos compaixão pura, vinda do coração, será muito difícil agirmos de maneira delicada e consistente. E quando estivermos nos comunicando, apresentando nossas idéias aos outros, precisamos ser extremamente hábeis. Com uma criança, por exemplo, às vezes funciona dizer com firmeza "não faça isso, está errado!" Mas às vezes não funciona. Do mesmo modo, quando trabalhamos com adultos, há uma série de situações diversas, de modo que uma mesma coisa nem sempre funciona. Então precisamos avaliar, com cuidado, o que seria mais eficaz.

Por outro lado, quando estamos nos comunicando, se formos movidos por uma compaixão verdadeira e pura, que brota do coração, esta compaixão, por si só, vai produzir um impacto.

Reconhecemos que existe algo que precisa ser mudado e é por isso que nos expressamos. Reconhecemos que a pessoa que está agindo comete um erro, apresenta falhas. Reconhecemos que nós também erramos, temos nossas falhas. Nós não somos tão diferentes assim. Sentimos compaixão pela situação como um todo. Pelos outros, por nós, por todo o sofrimento que a situação gera. Quanto mais intensa e pura nossa compaixão, mais poder teremos.

Se, por exemplo, uma criança está brincando na rua e o pai, muito gentilmente, explica que aquilo é perigoso e a criança volta para a rua e o pai volta a explicar da mesma maneira e

isso se repete muitas vezes – a criança não está ouvindo – pode ser que o pai acabe dando umas palmadas nela. O pai não faz isso para beneficiar a si próprio, nem porque está com raiva. Faz porque sente compaixão. Mesmo que nossas ações nem sempre tomem a mesma forma externa, internamente, a motivação será a mesma. Se a motivação for raiva, mesmo que adotemos uma forma externa de ação pacífica, os resultados não serão pacíficos.

Pergunta: *Geralmente, tendemos a nos identificar com as vítimas. Qual o motivo? Será também por compaixão?*

Resposta: Sim, é por causa da compaixão. E é maravilhoso que nos movamos para ajudar a vítima. Mas se este movimento vem também manchado de raiva pelo agressor, aí está o problema.

Sentimos compaixão pela vítima porque ela sofre. Mas o agressor também irá sofrer no futuro. Naquele momento, parece que apenas a vítima é tocada pelo sofrimento. Mas é uma lei universal que todo ser vá experimentar no futuro um sofrimento mil vezes maior que aquele que causou a alguém. E o agressor não compreende isso. Se alguém tortura outra pessoa, parece que queremos agir apenas para fazer cessar aquela situação e salvar a vítima. Mas também temos que salvar o torturador, que irá experimentar sofrimento muito maior, nesta vida ou em vidas futuras.

Pergunta: *Às vezes, o sofrimento vem por ações praticadas de forma inconsciente. Mas muitas pessoas que perseguem um caminho espiritual, fazem meditação, muitas vezes não transformam estes traços psíquicos inconscientes. Apenas os inibem. Qual é sua opinião sobre isto?*

Resposta: É uma pergunta importante. Reprimir não funciona. Por isso, precisamos transformar. Agora, como fazer para transformar as negatividades da mente? Como transformá-las em compaixão?

Por exemplo, se sentimos raiva, trata-se de um conceito, no sentido de que a sentimos porque há um sujeito e um objeto. O objeto é alguém que faz algo que você considera errado e, ao

ver isto, sua raiva surge. Não basta dizer "a raiva não é uma coisa boa" e apenas reprimi-la. Ao ver alguém que está torturando e provoca sua raiva, você se pergunta: "Por que esta raiva, se a pessoa que tortura não entende?" Quando você vê que a ação da pessoa brota da ignorância dela, isto faz nascer sua compaixão. Esta compaixão vai liberar sua raiva, vai transformá-la. Não quer dizer que você deixe de agir. Você age, sim, mas com outra motivação.

O princípio, aqui, é que o diamante corta o diamante, o ferro corta o ferro. Do mesmo modo, se queremos transformar os pensamentos da mente, usamos os próprios pensamentos da mente para operar esta transformação. Não se trata de uma questão apenas espiritual. Na verdade, é uma questão humana. Todos temos compaixão. Todos temos raiva. Como cultivar as qualidades positivas e reduzir as negativas – eis uma das questões básicas do ser humano.

Chagdud Tulku Rinpoche

O Lama Chagdud Tulku Rinpoche formou-se dentro da tradição Nyingma do Budismo Tibetano e é detentor de alguns dos mais elevados métodos de conhecimento e evolução do homem desenvolvidos no Tibete. Com a invasão chinesa no final da década de 50, Rinpoche, como tantos outros lamas, exilou-se na Índia e no Nepal. Há cerca de 10 anos, transferiu-se com a família para os Estados Unidos, onde desenvolve um trabalho de preservação das tradições espirituais e culturais do Tibete. A convite da Iniciativa Gaia e do centro de Dharma Shi-De Choi Tsog, Chagdud Tulku Rinpoche visitou São Paulo em julho deste ano. Este artigo baseia-se na palestra que proferiu na sede da Associação Palas Athena, intitulada "Solução pacífica de conflitos". Atualmente, Rinpoche compartilha seus ensinamentos com os brasileiros, pois iniciou na cidade de São Paulo "Odsai Ling" (em tibetano, "Lugar da Clara Luz"), um núcleo de estudo e prática dos conhecimentos da tradição Nyingma.

A tristeza de Platão

George Barcat

De um lado os que podem cometer injustiças sem ser descobertos. De outro, os que sofrem injustiças sem poder fazer nada a respeito. Como falar de justiça em uma sociedade que a subordina aos interesses do momento? Platão dá sua resposta.

A pólis não é simplesmente uma cidade-estado. É, sobretudo, o modo do homem grego sentir-se pertencente a uma comunidade, um modo para o qual a noção de território não é a mais importante.

A pólis garantia tudo o que era necessário para que os homens pudessem estar juntos, ou seja, garantia a estrutura da vida espiritual: o *ethos*. Trata-se, antes de mais nada, de uma comunidade ética.

Essa comunidade organizava-se pelo sentimento de que era necessário assegurar, através de debates públicos sobre a melhor lei, uma justiça ditada pelos próprios cidadãos e não mais por um rei.

Em um primeiro momento, a tarefa legislativa coube à aristocracia, que

orientou os assuntos da justiça segundo as idéias de honra, valor e excelência (*aretê*).

Em 594 a.C., a fim de diminuir a intensidade dos conflitos entre a aristocracia e a população mais pobre, Sólon reestruturou a sociedade em quatro classes censitárias e ampliou o conceito de justiça introduzindo o preceito que afirma a igualdade de todos perante a lei: a *isonomia*. Tempos depois, coube a Clístenes concluir a instauração da democracia em Atenas.

Apesar de suas vertentes autoritárias, as leis baseadas nessas concepções de justiça já consideravam algo que mais tarde veio a ser motivo de orgulho particularmente entre os atenienses: a noção de que era preciso valorizar o indivíduo enquanto tal e desvincular os seus direitos da função social que exercia no *dêmos*. Uma

comunidade autônoma deve ser composta de cidadãos, por sua vez, autônomos.

Em sua Oração Fúnebre, o estadista e estrategista Péricles, escreveu: "nosso regime político não se propõe a ter como modelo as leis de outrem, e somos antes exemplos que imitadores. Pelo próprio nome, como as coisas não dependem de um pequeno número mas da maioria (*dêmos*), é uma democracia. A lei garante a todos, em suas desavenças privadas, os mesmos direitos, e se alguém se distingue em algum domínio, não é a filiação a um determinado grupo, porém o mérito, que o faz ter acesso às honrarias; inversamente, a pobreza não implica que um homem, em condições de prestar serviço ao Estado, seja impedido disso pela obscuridade de sua situação. Praticamos a liberdade, não apenas em nossa conduta de ordem política, mas também em tudo o que é suspeição recíproca na vida cotidiana: não nutrimos ódio em relação ao nosso próximo, se ele age de acordo com seu capricho, e não recorremos a afrontas que, mesmo sem causar danos, exteriormente se apresentam como ofensivas. Em resumo, ousa dizê-lo: nossa cidade, em seu conjunto, é uma lição viva para a Grécia."

A partir do século VII, as leis e as teorias foram surgindo, ao olhar dos gregos, como a expressão máxima e natural da *palavra*, isto é, do *logos*. Legislar é fazer uso da *palavra* em benefício da *pólis*. Filosofar é fazer uso da *palavra* com a intenção de entender o movimento que transforma o caos em cosmos.

Enfim, os gregos legitimaram o *logos* como o instrumento organizador da *pólis*. Isto significa que, na medida do possível, os gregos procuraram substituir as soluções míticas que explicavam as inquietações e os conflitos humanos por soluções políticas e filosóficas.

Os sofistas apareceram nesse contexto. Pensadores filiados à tradição racionalista dos filósofos jônios (iniciada por Tales, Anaximandro e Anaxímenes), tinham como foco de atenção o homem e a sociedade. Geralmente estrangeiros, migravam para Atenas com a intenção de ensinar aos jovens aristocratas os conhecimentos e as técnicas que garantiriam

o sucesso de suas carreiras políticas. Cobravam por este ensinamento e jamais se reuniram em uma escola de filosofia.

Dada a agitação política em Atenas durante a segunda metade do século V, é fácil perceber alguns dos motivos que contribuíram para aumentar a popularidade e o interesse pela sabedoria que os sofistas diziam ser capazes de transmitir.

Entretanto, o principal tempero que colocaram no caldo intelectual ateniense foi a crítica que fizeram à idéia da origem divina das leis e da moral. As leis, os valores e os conhecimentos humanos são apenas isso: humanos, efêmeros.

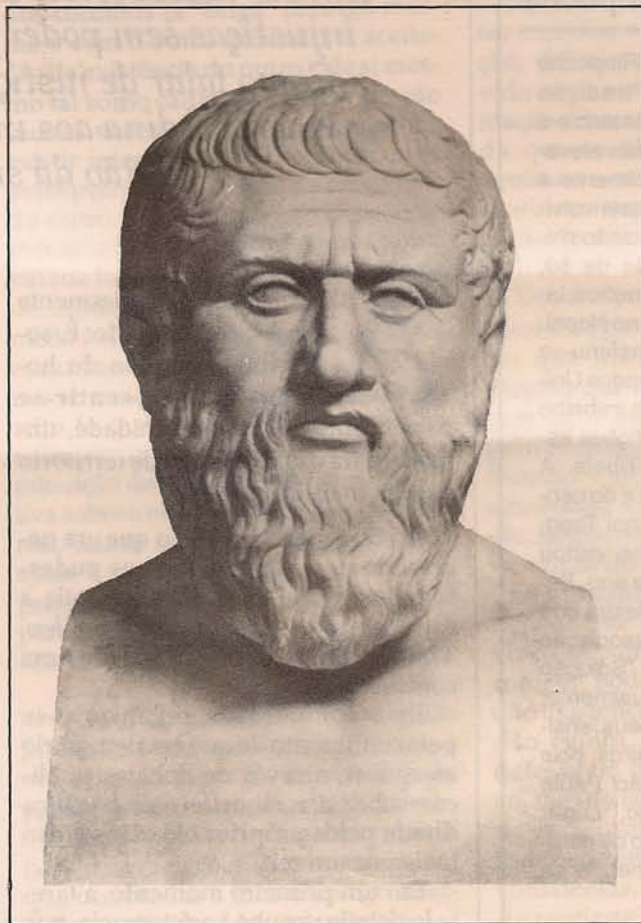
Esses pensadores entendiam que todos os conteúdos da vida espiritual estão sujeitos às influências de lugar e tempo, isto é, a legitimação do pensamento não deve mais se reportar a fundamentos de natureza mítico-religiosa ou universalista (válido para qualquer homem de qualquer tempo ou lugar).

Para os sofistas, as verdades absolutas não existem já que são definidas pela experiência de cada homem. As leis e a moral resultam da convenção, do debate contraditório, da argumentação, das "disputas pelo verdadeiro". Sendo assim, eles consideravam que a *palavra* – através da retórica e da laicização dos direitos que regulam a vida do homem na sociedade – poderia servir não só à *pólis* mas também aos interesses individuais.

Em termos mais contemporâneos, podemos dizer que os sofistas – cada um a seu modo – historicizaram o *ethos*.

Esses pensadores empenharam-se em distinguir o *nomos* (o mundo das leis normativas, convencionais, construídas pela razão) da *physis* (o mundo das leis naturais, espontâneas, definitivas), num debate que dividiu opiniões entre os próprios sofistas.

Apenas três afirmações de Protágoras, um dos sofistas mais prestigiados, bastam para percebermos o tom do discurso desses filósofos: "Preten-



BUSTO DE PLATÃO,
Museu das Esculturas
Clássicas, Vaticano.

do ensinar aos jovens, a virtude que nos afazeres domésticos, lhes ensinará a melhor maneira de governar sua casa, e nos negócios da cidade lhes apontará o melhor modo de agir e falar por ela. A virtude política não é exclusividade de ninguém, não é um dom da natureza, todos podem ter acesso a ela através do ensino ou adquirir-la pelo exercício. O homem é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são e das que não são enquanto não são."

Sócrates e Platão opuseram-se a um tal uso da racionalidade pois ele restringe o exercício do *logos* à manipulação técnica da linguagem.

Para ambos, a verdade não pode ser reduzida ao resultado de um mero jogo de correspondências lógicas (falsas ou verdadeiras), cujas regras são definidas pela arte da retórica e cujo objetivo é, freqüentemente, a conquista da fama e da riqueza.

A verdade é absoluta ou não é. Ela é uma lei universal e objetiva que, uma vez conhecida, determina que uma vida humana se manifeste conforme a virtude. Entre o conhecimento da verdade e a existência virtuosa existe uma identidade plena: só é sapateiro aquele que sabe o que é um sapato; só é médico aquele que sabe o que é a saúde; só é justo o indivíduo que sabe o que é a justiça. Inversamente, toda ação não virtuosa só é praticada por ignorância acerca do verdadeiro.

A verdade de algo (um objeto, um sentimento, um raciocínio, um acontecimento...) é aquilo que esse algo é *em si mesmo*, então, a toda virtude corresponde um *conhecimento da coisa em si*.

O que uma coisa é em si mesma independe do lugar, do tempo, dos costumes, das aparências, da linguagem... O *em si* das coisas é universal, eterno, imóvel e imutável.

A coragem, por exemplo, não é simplesmente a ação de um indivíduo intrépido pois mesmo os ímpios, os mentirosos e os injustos são capazes de praticar uma ação dessa natureza. O que faz da coragem uma virtude não é a intrepidez mas o *conhecimento* das coisas que devemos temer e, em consequência, o *conhecimento* das coisas de que não devemos ter qualquer tipo de medo.

Ora, se os ímpios, os mentirosos e os injustos são completamente igno-

rantes nesse assunto – suas vidas dão testemunho disto –, como poderiam ser corajosos?

Como poderiam praticar qualquer outra virtude se eles nada sabem da verdadeira *arte de medir*, ou seja, da ciência dos prazeres e das dores?

Em um livro de Platão, que leva o nome de Protágoras, Sócrates, dialogando com esse sofista e outros personagens, indaga: "se a nossa felicidade depende da justa escolha dos prazeres e das dores, segundo são mais ou menos numerosos, maiores ou menores, mais afastados ou mais próximos, não é evidente que o exame de excesso, do defeito e da igualdade de uns em relação aos outros, supõe, antes de tudo, um método de medição?" (*Protágoras*, 356d).

Assim, a ciência das medidas é a única arte responsável pela felicidade humana porque ela é a única arte capaz de medir o excesso e o defeito das coisas.

A prática da arte das medidas revela que nem todos os prazeres são bons e úteis e que nem todos os sofrimentos são indesejáveis. Um homem que a ignora não pode ser virtuoso sob nenhum aspecto pois, em última instância, qualquer virtude consiste no exercício desta arte.

No *Protágoras*, Platão procura mostrar que a virtude é una (não possui partes separáveis: a coragem, a justiça, a dignidade etc., são aspectos de um mesmo saber) e que ela se identifica, através da ciência das medidas, com a verdade.

Quando, através da ciência das medidas – do exercício da razão –, alguém conecta a sua consciência à verdade (o *em si* das coisas), ele permite que essa lei predomine sobre qualquer opinião, desejo, prazer, raciocínio ou dor que tenha em um momento qualquer de sua vida.

Como já dissemos, a verdade e a virtude estão definitivamente unidas: a contemplação da verdade impõe a prática de uma vida virtuosa; o mal é o impedimento que a ignorância impõe ao fluxo do verdadeiro através do mundo.

A sabedoria é um compromisso ético com a virtude; é o resultado de uma vida *reta*, e o *métrom* da vida reta não é a experiência, não é o homem, como queria Protágoras, mas o exame

que a alma desse homem faz da vida. Sócrates reafirma, com seu *determinismo moral* (nome com o qual a doutrina acima descrita é conhecida), a relação essencial que existe entre a verdade e a vida.

Deste modo, quando alguém reivindica ou ocupa o seu lugar entre os homens, todos aguardam e observam as suas ações e as suas palavras. Surgir diante dos outros, aparecer na *pólis*, é a grande oportunidade que um homem tem de justificar sua existência perante si mesmo e perante o *dêmos*.

O sábio entende que esse aparecimento, essa ocupação do espaço público não deveria ser feita com fins egoístas e demasiado comprometidos com a efemeridade do mundo. Ademais, "os Estados não nascem do carvalho ou da pedra, mas do caráter dos homens que o integram" (*República*, 544d).

Se a qualidade da *pólis* é função da qualidade de seus cidadãos, a política deve subordinar-se à educação (*paideia*); em outros termos, os políticos devem, antes de tudo, serem educadores – para Platão, só o filósofo pode realizar esta meta com perfeição.

Logo, antes de pretender exercer autoridade moral sobre outros homens, o sábio deve exercer autoridade moral sobre si mesmo. Autoridade moral = ação pedagógica.

Em assuntos éticos o sábio radicaliza, isto é, busca a raiz das coisas: não admite culpar as circunstâncias por seus desvios; o que acontece no mundo não pode jamais ser usado como desculpa ou atenuante para suas falhas morais.

A conduta ética não é uma questão de opinião (*doxa*), não é o resultado de "disputas pelo verdadeiro". Em suma, o sábio não admite exceções; Robin Hood, por exemplo, não pode merecer o título de justo: roubo é roubo, seja qual for o motivo.

Uma atitude moral é fruto do compromisso que cada pessoa faz com o bem em si, independentemente do que essa ou aquela sociedade disse, diz ou dirá sobre o certo e o errado. Esse compromisso é o próprio caráter.

Sócrates e Gandhi são exemplos muito claros do sábio que não confunde *retidão* com *rigidez*.

De tudo isto, podemos concluir

que a atitude moral não pode ser justificada racionalmente. Afinal, como pode o sábio explicar racionalmente o valor que deposita na dignidade, na justiça e na verdade – mesmo que isto lhe custe a própria vida – quando qualquer um pode ver as inúmeras *vantagens* que há, desde que não sejamos descobertos, em sermos injustos e moralmente *flexíveis, relativos*? Como é que alguém pode dar razões de seu caráter? Um caráter não se explica, revela-se.

A *República* trata com profundidade do relacionamento entre justiça e caráter; no livro II, Glauco, irmão de Platão, diz que qualquer homem seria injusto se possuísse o "anel da invisibilidade". Segundo Glauco, a justiça é um acordo de interesses, uma espécie de contrato social; um ponto intermediário entre duas situações sociais opostas: entre aqueles que podem cometer injustiças sem serem descobertos e aqueles que sofrem injustiças e não podem fazer nada a respeito.

Para Glauco, a justiça está, por um lado, relacionada com o medo que atormenta os mais fracos, e por outro, com o perigo que ameaça os desmedidamente injustos, já que mesmo eles dependem do equilíbrio da *pólis*, garantido por uma desejável e necessária observância às leis.

Com este pragmatismo, ele contesta Trasímaco – um sofista que pertenceu ao grupo dos Trinta Tiranos – para quem "o justo consiste naquilo que é mais conveniente para os mais fortes" (*República*, 344c). Defensor da tese de que a justiça tem a ver unicamente com o apetite dos poderosos, Trasímaco pretendia mostrar que a justiça serve apenas aos propósitos das classes que governam um Estado.

Já nos perguntamos antes: como pode o sábio defender a tese de que é melhor sofrer a injustiça do que praticá-la? Que argumentos ele pode empregar para convencer os demais do *valor objetivo* da vida moralmente equilibrada?

Platão sempre esteve envolvido emocional e intelectualmente com esse problema: como falar da necessidade de sermos retamente justos, a uma *pólis* que relativiza e subordina a justiça aos interesses da hora, ou seja, que não acredita no valor da justiça em si?

Na verdade, é muito improvável que os homens venham a concordar acerca de qualquer assunto realmente importante. Afinal, temos prazer em discutir questões que se assemelham àquelas figuras que o vento desenha nas nuvens. A *ágora* e os lares estão cheios desses intermináveis e por isso mesmo inúteis debates sobre "generalidades" diáfanas e *absolutamente relativas*.

Esse sentimento levou Platão a desconfiar do uso que os homens fazem da palavra quando expressam suas opiniões sobre isto e sobre aquilo.

A opção pela filosofia

Platão testemunhou a desagregação da *pólis*. Aos 23 anos ele assistiu à humilhação de Atenas na Guerra do Peloponeso (431 a 404 a.C.): o *Longo Muro* que unia a cidade ao Pireu, construído para transformá-la em uma "ilha" inexpugnável, foi vergonhosamente destruído; havia a peste e havia a fome; a poderosa marinha ateniense fôra reduzida a apenas 12 navios; os cofres da deusa estavam vazios... Os espartanos e seus aliados venceram a guerra.

Enfim, seus pulmões respiravam desalento quando em 404 a.C., parentes e amigos o convidaram a participar do governo dos Trinta Tiranos, declarando o propósito de recuperar os estragos que a democracia havia provocado à dignidade de Atenas.

Em pouco tempo, porém, o regime oligárquico fez os atenienses "lamentarem a época da antiga ordem como se ela tivesse sido uma idade de ouro" (*Carta VII*, 324d).

Em 403 a democracia é restabelecida e Platão deseja, de novo, embora com maior prudência, retornar às tarefas do Estado.

Mas quatro anos depois, Sócrates seria acusado por um tribunal ateniense de crimes políticos e religiosos. O homem que Platão proclamara o mais justo de sua época, morreria vítima de um poderoso veneno: a ignorância humana.

Depois do "assassinato" de Sócrates o caráter essencialmente público da prática filosófica estava comprometido. A filosofia e a política são caminhos que não se cruzam mais; as

palavras de uma e de outra, vibram com ritmos dissonantes.

"Considerando este acontecimento e os homens que conduziam a política, observando a que ponto as leis escritas e os costumes se achavam desmoralizados, e vendo como tudo se encontrava na mais completa dissolução, eu próprio, a princípio, tão cheio de ardor para dedicar-me à causa pública, acabei tomado de vertigens. Todavia, não desanimei de encontrar remédio para esse estado de coisas, sempre à espera de ocasião oportuna para poder agir. Por fim, cheguei à conclusão de que as cidades do nosso tempo são mal governadas, por ser quase incurável sua legislação, a menos que se tomassem medidas enérgicas e as circunstâncias se modificassem para melhor. Fui, então, irresistivelmente conduzido a louvar a verdadeira filosofia e a proclamar que somente à sua luz se pode reconhecer onde está a justiça na vida pública e na vida privada. Portanto, os males não cessarão para os humanos até que os puros e autênticos filósofos cheguem ao poder ou até que os chefes das cidades, por uma graça divina, se ponham a filosofar verdadeiramente." (*Carta VII*, 325c)

Platão escreveu a Sétima Carta quando tinha 75 anos, depois de suas três fracassadas tentativas (em 388, 365 e 360 a.C.) de estabelecer em Siracusa a sua utópica cidade, único lugar no mundo que certamente não condenaria Sócrates à morte.

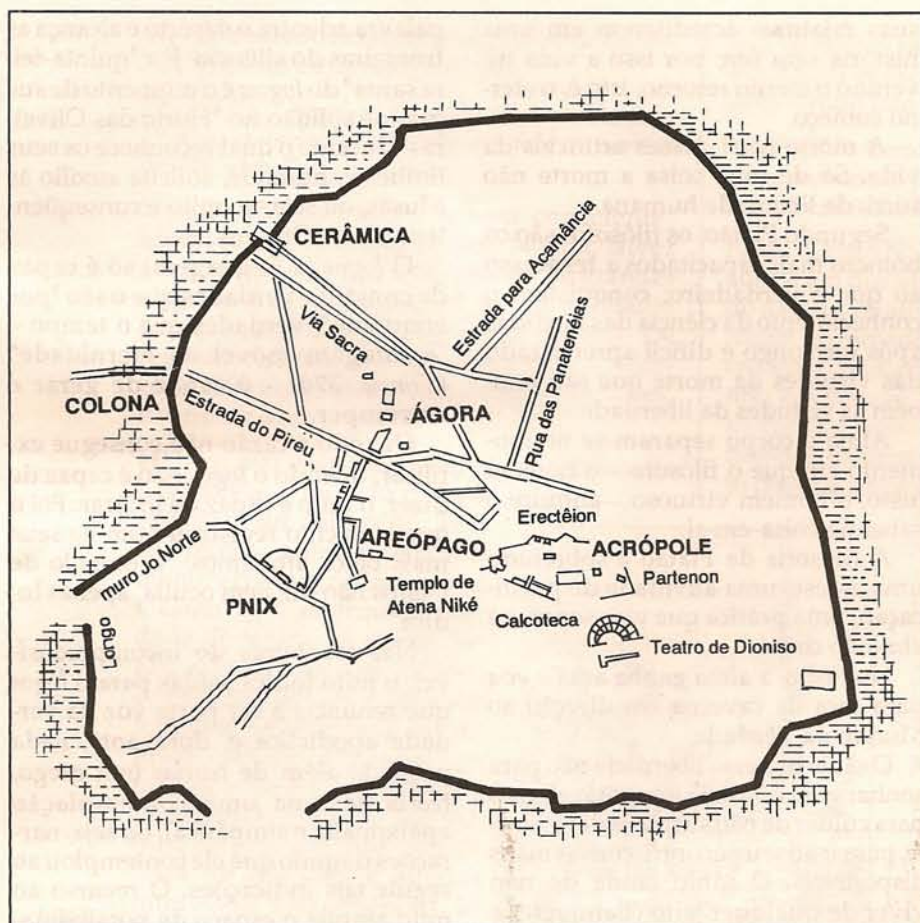
Realmente ele não desanimou. Foram 50 anos de esperanças e muitas tentativas; nunca deixou de acreditar que a tarefa natural de todo ser humano é participar ativamente na vida pública; sempre com nobreza.

Não obstante, uma pergunta inquietou Platão todos esses anos. Como viver para a política num mundo povoado por cidades que não acreditam no valor em si da ação justa? Que mancham a sua própria dignidade assassinando os seus sábios?

A resposta de Platão chama-se Academia, um jardim no qual a filosofia viria a ser seu refúgio sempre que a decepção com os homens o atormentava.

Trata-se, sobretudo, de uma filosofia preocupada em justificar as razões da vida ética a uma cidade (Atenas)

ATENAS, na época clássica



empobrecida e despida de suas glórias, e que via nessa proposta uma ameaça.

Ao transformar o Bem em coisa-em-si, Platão abre a possibilidade para que o filósofo viva conforme uma ética autônoma em relação às convenções políticas.

Porém, é preciso advertir que Platão não subjetiva e muito menos relativiza a relação ética com fórmulas do tipo "cada um, cada um", se assim fosse, ele estaria entre os sofistas.

Ágnes Heller – filósofa húngara, atualmente lecionando nas universidades americanas – afirmou que Platão não entendia a ética como uma relação entre os homens, mas "como uma ordem que existe objetivamente, que flutua fora da ordem dos indivíduos".

O indivíduo depende da *pólis*, mas a sua conduta ética não. O ato moral é, antes de tudo, uma consequência da "natureza" ou do caráter de cada pessoa que, conforme o livro X da

República, é uma escolha que acontece antes mesmo do nascimento dessa pessoa.

O caráter é um ato da mais pura liberdade: nenhum deus, nenhuma fatalidade, tem o poder de escolher por nós o caráter, e a natureza, que iremos apresentar ao julgamento da *pólis*.

Aquilo que, antes de seu nascimento humano, a alma viu no mundo das *Formas* (uma Forma – ou uma Idéia – platônica é o *em si das coisas*): ela mesma em sua simbiose eterna, imóvel e imutável com o bem em si, jamais deve ser confundida com uma relação subjetiva; num certo sentido, esse acontecimento chega mesmo a ser público.

Nós somos o nosso Destino, e podemos ou não, colocá-lo a serviço da *pólis* e de Deus. Foi precisamente esta convicção que levou Platão a dividir em "castas" os homens de sua cidade ideal (trabalhadores, guardiães e filósofos).

Creio que Platão formulará seu

pensamento para explicar o modo como esses dois referenciais – Formas e alma – se relacionam durante a atividade filosófica: a filosofia é o diálogo da alma com as Formas através da Memória.

É justamente por não podermos nos fiar totalmente no *logos* exercido pela multidão, que o referencial que assegura a objetividade dos valores éticos não pode ser fixado em nenhuma instituição social ou política.

Temos que deslocá-lo para outro lugar. Ora, que lugar seria melhor que o mundo das Formas, eternamente iluminado pelo Bem (*agathon*)?

É por esse caminho que Platão conduzirá a sua resposta a Glauco: a justiça é uma função do caráter e, portanto, pouco tem a ver com as determinações da sociedade. A sociedade não é a semente da justiça, é o solo onde a verdadeira semente – o caráter – irá ou não desenvolver todas as suas potencialidades.

Infelizmente, a *ágora* – o centro vitalizador da *pólis* – não é o lugar para uma atividade como esta.

Penso que esta era a sua maior tristeza: ter que deixar a *ágora* para os sofistas e os demagogos e, em consequência, para os tiranos; ter que cuidar de modo quase exclusivo dos assuntos da morte e da Memória. Pode haver maior tristeza que essa para um homem de alma política?

Penso que Platão foi mestre a contragosto.

Filosofia da morte

"Era uma vez, em Bagdá, um Califa e seu Vizir... Um dia, o Vizir apareceu diante do Califa, pálido e trêmulo: 'Perdoa o meu pavor, Luz dos fiéis, mas uma mulher esbarrou em mim na multidão diante do Palácio. Voltei-me: e esta mulher de tez pálida, de cabelos escuros, com o busto coberto por um manto, era a Morte. Ao me ver, fez um gesto na minha direção. Já que a morte me procura aqui, Senhor, permita que eu fuja para me esconder bem longe, em Samarcanda. Se me apressar, chegarei lá antes desta noite'. Então, afastou-se a galope no seu cavalo e desapareceu em uma nuvem de poeira na direção de Samarcanda. O Califa saiu de seu Palácio e também encontrou a Morte: 'Por que assustou o meu Vizir que é jovem e saudável?', perguntou. E a Morte respondeu: 'Não quis assustá-lo, mas, ao vê-lo em Bagdá, tive um gesto de surpresa, porque o espero esta noite, em Samarcanda'".

Desde a fecundação estamos prometidos à morte. Sem pressa, ela nos espera. Também nisso ela se opõe à vida: a morte é paciente.

Essa dama veste-se de negro porque não precisa de formas e cores, cheiros e sabores, texturas e sons; não precisa nem mesmo do movimento: a morte recolhe todas as manifestações do mundo sensível em completa e imóvel serenidade, entre elas, nós.

Só de uma coisa ela precisa: a capacidade de, mesmo surpresa, nos aceitar e nos recolher do jeito que chegarmos.

Já a vida é pura impaciência: constrói a cada instante um começo. É permanecendo no começo que a vida faz

suas criaturas acreditarem em uma história sem fim; por isso a vida inventou o eterno retorno, isto é, o eterno começo.

A morte sorri desses artifícios da vida. Só de uma coisa a morte não sorri: da liberdade humana.

Segundo Platão, os filósofos são os homens mais capacitados a ter acesso ao que é verdadeiro; conquistam o conhecimento da ciência das medidas após um longo e difícil aprendizado das virtudes da morte que são também as virtudes da liberdade.

Alma e corpo separam-se no momento em que o filósofo – o homem justo, o homem virtuoso – adquire o saber da coisa-em-si.

A filosofia de Platão é sobretudo uma ascese, uma atividade de purificação, uma prática que visa separar a alma do corpo.

No *Fédro*, a alma ganha asas e voa para fora da caverna em direção ao Mundo da Verdade.

O sábio usa essa liberdade não para sonhar com o futuro inesgotável, mas para cuidar de não surpreender a morte, para ir ao seu encontro com as mãos disponíveis. O sábio cuida de não viver de qualquer jeito (*Banquete*) e de não morrer de qualquer jeito (*Fédon*).

Pouco antes de morrer, Sócrates ensinou: "os homens ignoram que os verdadeiros filósofos trabalham durante toda sua vida na preparação de sua morte e para estar mortos" (*Fédon*, 64c). Somos livres, este é nosso destino. Pegar e soltar as coisas no momento certo: esta é nossa sabedoria.

Brecht: "faz tal coisa e toca em frente, faz tal coisa e toca em frente, e no final voa...goza...e larga!"

Filosofia da memória

Se as grandes referências da vida cotidiana não podem ser encontradas no mundo sensível – o espaço da efemeridade, a escuridão da caverna – a linguagem, instrumento que coloca a razão a serviço da *pólis*, pouco pode nos ajudar a encontrá-las; é por isso que os diálogos platônicos acabam em situações que o *logos* não consegue resolver; é por isso que eles são aporéticos.

Uma aporia é o momento em que a

palavra adentra o deserto e alcança as fronteiras do silêncio. É a "quinta-feira santa" do *logos*; é o momento de sua grande solidão no "Horto das Oliveiras" durante o qual reconhece os seus limites e, humilde, solicita auxílio às Musas, ou seja, ao mito e consequentemente às Origens.

O *logos* (a linguagem) só é capaz de construir verdades que o são "por enquanto"; verdades que o tempo – "a imagem móvel da eternidade" (*Timeu*, 37d) – é capaz de gerar e corromper.

Quando a razão não consegue explicar, quando o *logos* não é capaz de dizer, o mito é capaz de indicar. Foi o que Heráclito registrou num de seus mais belos aforismos: "o oráculo de Delfos não diz nem oculta, apenas indica".

Nas fronteiras do incompreensível, o mito indica saídas para o *logos* que renuncia a ser porta voz da verdade apodíctica e, doravante, nada promete além de *teorias* (em grego, *teoria* designa uma contemplação apaixonada e simpática), ou seja, narrações daquilo que ele contemplou ao seguir tais indicações. O recurso ao mito amplia o espaço de possibilidade do *logos*.

Por exemplo, em sua teoria da reminiscência, Platão relacionou o *logos* e o *devoir* com o mito da Memória.

Para os órficos – os seguidores do deus-poeta Orfeu –, a Memória é o espelho no qual o menino Diônisos, olhando-se, viu refletido o *devoir*, isto é, o mundo.

O *devoir* é a face de um deus em movimento: é ilusão; é aparência, é o encantamento do deus por si mesmo; se assim é, o que pode o *logos* dizer de verdadeiro sobre ele?

Na *Carta VII* (342a – 345a), Platão dá a entender que o *logos* é incapaz de exprimir as verdades que a Memória protege: "a natureza das figuras geométricas, das cores, do bem, do belo, do justo, dos corpos gerados pelo *devoir*, do fogo e da água, dos seres vivos, das qualidades da alma e também das ações e das paixões de toda espécie".

É a Memória – e não a linguagem (*logos*) – quem conduz a alma ao verdadeiro conhecimento. É na Memória – e não no mundo (*devoir*) – que a alma pode encontrar a ordem e o destino de

todas as coisas. Repetindo: a filosofia é o diálogo da alma com as Formas através da Memória.

Outrora, os poetas-videntes, os poetas-magos, os *aedos*, eram os "mestres da verdade", e cantavam com uma voz que imitava os gestos dos deuses no tempo da Origem.

A palavra da idade de ouro – o *mito* – reproduzia o ritmo da Criação; os sábios cantavam para os homens não esquecerem como tudo aconteceu nos primórdios do Cosmos. A sabedoria vinha de longe e era protegida pela Memória; o sábio ouvia as canções do tempo muito antigo onde tudo começou.

Até Platão, o pensamento grego inspirou-se várias vezes na ação de ouvir. Homero ouvia a Tradição; Hesíodo, as Musas; Heráclito, o Logos; Pitágoras, a Harmonia; Parmênides, a Deusa; Empédocles, o vulcão Étna...

Platão consolidou as relações entre a sabedoria e a visão. Em sua alegoria da caverna (República, livro VII), os humanos acreditam nas sombras e ignoram a realidade das coisas

em si (as Formas); o filósofo é aquele que após ter se libertado das correntes que o aprisionavam à caverna, sai e contempla o mundo sob a luz do Bem Supremo, para depois – atendendo à sua natureza de educador – retornar e procurar dizer aos outros o que ele viu.

Desde então, a filosofia já não é a transmissão pura e simples das coisas que o passado enforma através da Tradição, da preservação da Origem, pois o filósofo é sobretudo uma testemunha vigilante e crítica disposta a propôr novos caminhos, novos futuros.

A Origem é o motivo das canções das Musas; essas nove filhas que Mnemosyne (a Memória) teve com Zeus (o Poder), são as guardiãs da Tradição. Narrando os mitos para os poetas, as Musas protegem a Origem das "almas esquecidas", das almas que não nasceram em corpos de sábios.

O passado é primordial porque é a gênese e a garantia de tudo; romper com a Tradição é romper com o futuro.

Na Atenas de Platão, esta ruptura já estava selada.

Injustificativa

As verdades inesquecíveis, não precisam e não podem ser confinadas à escrita. São poucas, são universais, são eternas, são mudas. Merecem nossa reverência.

"Eis a razão de todo homem de juízo abster-se de escrever sobre questões para ele sérias e de expô-las à malevolência e à incompreensão dos homens" (Carta VII, 344c).

"A maior precaução será não escrever, mas aprender de cor, pois é impossível que os escritos não acabem por cair no domínio público. Por isso, para a posteridade, eu mesmo não escrevi sobre tais questões. Não há obra de Platão e jamais haverá uma. O que atualmente designa-se sob esse nome é de Sócrates, no tempo de sua bela juventude. Adeus e obedece-me. Tão logo tenhas lido e relido esta carta, queima-a" (Carta II, 314c).

Diante disso, teria eu o direito de falar sobre a tristeza de Platão?

George Barcat é professor da Associação Palas Athena.

Computer Graphics

IMAGICON

R. Pamplona nº 935 - Cj. 92
Jardim Paulista
Tel. e Fax (011) 283.5540
CEP 01405 - São Paulo - SP

Chame-nos Para Conhecer o Portfólio - Fone (011) 283-5540

SLIDES

Seminários
Apresentações
Palestras
Convenções
Audiovisuais
Multivisão

IMPRESSOS

Folhetos
Manuais
House Organ
Certificados
Crachás

EFX

Efeitos Especiais
3-D

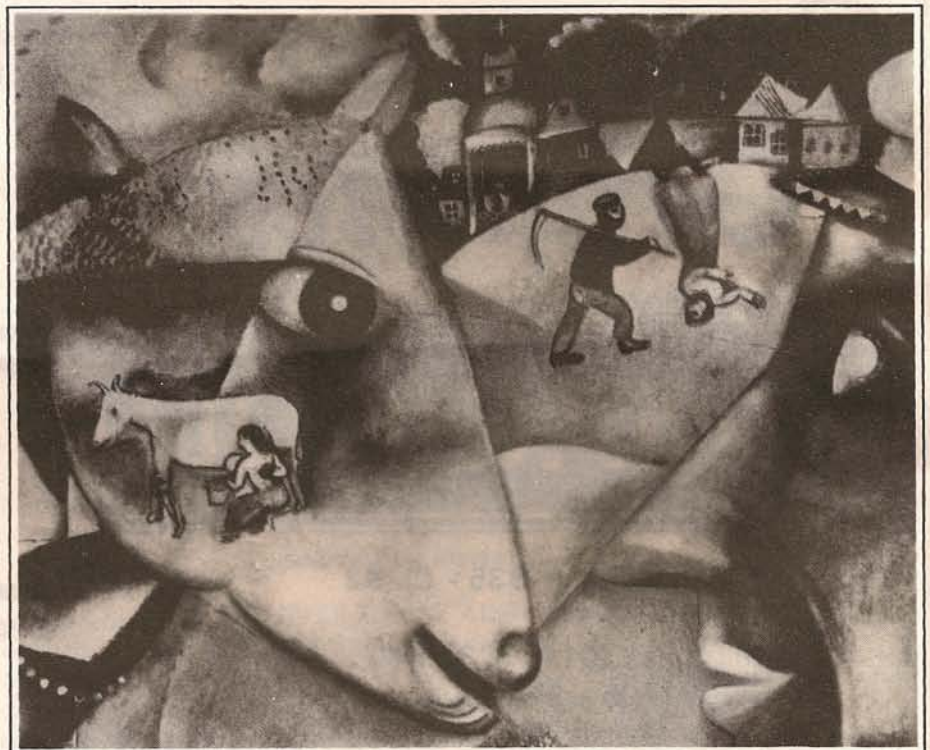
Ecologia, como uma religião

Henryk Skolimowski

Num universo em expansão, uma humanidade mais sábia e frugal rumo a um futuro estupendo. Pode ser verdade, desde que uma revolução da consciência dê lugar a uma atitude reverente com o planeta.

Todos os modos de consciência têm um caráter histórico, na medida em que surgem em certo momento da história e desaparecem, ou são profundamente modificados, em outro momento histórico. Assim, pode-se dizer que a consciência é determinada pela história. Mas, por sua vez, ela determina a história. Basta observar o que se poderia chamar de *processo verde*, que tem sido testemunhado por nossa época, ao lado do qual se desenrola outro, já não tão fácil de perceber: o *processo verde das religiões*. A interpretação ecológica das religiões ganhou importância desde o Congresso de Assis, de 1986, em que estavam representadas as cinco maiores religiões.

Não se trata de afirmar que a consciência ecológica tenha chegado, nem que esteja completamente articulada ou instalada. Trata-se de sugerir que, ao alcançá-la, usufruiremos algo que está adormecido e deseja ser despertado e articulado. A projeção é parte da articulação e essencial para criar



EU E A ALDEIA, Marc Chagall (1987 - 1985)

uma consciência ecológica: a realidade se transforma naquilo com que sonhamos. A chegada dessa consciência é predita por muitos sinais. No Dia da Paz, 1º de janeiro de 1990, uma voz poderosa se elevou em seu favor no Vaticano. O Papa João Paulo II emitiu uma carta pastoral – a primeira inteiramente ecológica – proclamando que "a consciência ecológica está surgindo. Ela não deve ser suprimida; ao contrário, deve ser encorajada e cultivada para que encontre sua expressão em programas e iniciativas concretos".

O movimento ecológico e as várias escolas de psicologia humanística foram os precursores da consciência ecológica. Cada um a sua maneira, eles desafiaram a racionalidade da era mecanicista. Ambos professavam um novo tipo de racionalidade holística e enfatizavam a irredutibilidade de grandes todos complexos e seus componentes fundamentais: hábitos ecológicos e seres humanos.

Em certo sentido, os dois movimentos possuíam sabor religioso. Ofereciam não apenas novos pontos de vista intelectuais, mas uma forma de liberação que, embora nem sempre explícita, nos desembaraçava dos grilhões deterministas e mecanicistas. O holismo, que os dois movimentos ressaltavam, era o primeiro passo para a liberação.

Há na consciência ecológica, seis características básicas que contrastam com suas equivalentes da consciência tecnológica. Elas não definem inteiramente o escopo e a natureza da consciência ecológica, mas ajudam a entendê-la.

Mais apropriada para expressar a natureza da consciência ecológica seria uma mandala, em que cada característica é alimentada e se alimenta das outras: elas se co-definem mutuamente.

desperto é encantar-se com o mundo. A reverência é o reconhecimento desse encantamento.

Como atestar a natureza reverente



As técnicas da alma E a ciência?

Que papel desempenham essas características em nossas vidas, em nossa percepção do universo?

Qualquer pessoa que respeite os outros de verdade e aprecie com sinceridade a assombrosa alquimia do universo será necessariamente reverente ante o tremendo espetáculo da criação. A reverência nasce do ato de ver e entender o universo em profundidade e com verdadeiro apreço. Viver em estado de graça é pensar reverentemente: é "caminhar na beleza", como diz uma canção de índios americanos. A compreensão reverente, a atitude reverente não são criações da consciência ecológica. Existem, há muito tempo, nas religiões e culturas tradicionais. Estamos apenas articulando-as de novo.

do universo? – poderia perguntar um cético racional. Gostaríamos de responder que pela ciência e a tecnologia reverentes, mas essas duas áreas não têm sido muito desenvolvidas. Seria injusto, por outro lado, afirmar que elas não existem.

Vários sistemas de ioga representam a tecnologia reverente. Não devemos franzir a testa ante essa afirmação ou rejeitar de pronto a idéia, só porque estamos acostumados a pensar em tecnologia como as ferramentas físicas que nos vinculam ao mundo físico. Nossas interações com o universo são numerosas e sutis. Qualquer ferramenta ou técnica que nos vincule a ele é uma forma de tecnologia. Os sistemas de ioga são técnicas da alma. A oração – quando faz alguma coisa por nós ou facilita nossa interação com o universo – é uma forma de tecnologia, seja divina ou de outra espécie.

A condição natural do ser humano

Se essa afirmação soa estranha, refletamos sobre a natureza da cosmologia. A cosmologia levanta hipóteses sobre a natureza do universo como um todo. Guiando-se por tais hipóteses, procura, nesse universo, aquilo que supõe a seu respeito. Essa tem sido a trajetória da maioria das cosmologias – elas não provam a existência deste ou daquele atributo conferido ao cosmos, mas procedem como se tais atributos fossem inerentes à estrutura do cosmos. Constroem-se, a partir daí, grandes modelos de percepção e conhecimento que justificam a existência do atributo dado. É im-

CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA

holística
qualitativa
espiritual
reverente
evolucionária
participativa

versus
versus
versus
versus
versus
versus

CONSCIÊNCIA TECNOLÓGICA

atomística
quantitativa
secular
objetiva
mecanicista
alienante

portante sublinhar este ponto: *nada se revela no cosmos a menos que suponha-mos sua existência*. Se não admitirmos que a natureza do universo é física, nunca poderemos conferir esse atributo ao universo. A cosmologia é um jogo de hipóteses. Essas hipóteses não são provadas. Elas são feitas. Então agem.

O processo de levantar hipóteses e criar cosmologias é pré-científico, tanto no sentido histórico quanto epistemológico. Logo, a ciência tem pouco a dizer sobre um processo que a precede – que está fora de sua jurisdição. A ciência ocidental formou-se no momento em que se adotou certo tipo de cosmologia, a cosmologia mecanicista. *No âmbito da cosmologia geral, portanto, a ciência, enquanto partidária de uma cosmologia em particular, não pode arbitrar a validade de outras cosmologias.*

Desse modo, não temos que nos preocupar com o veredicto da ciência quando nos envolvemos na criação de cosmologias não-mecanicistas. Se a ciência tentar interferir em nossos novos modelos cosmológicos, podemos dizer-lhe que vá para o inferno. Ou que volte para a cosmologia mecanicista, que é seu lugar. Pois ao tentar interferir em outras cosmologias, a ciência mecanicista extrapola seu domínio e competência.

Quando tratamos da natureza reverente do universo não precisamos ser anticientíficos nem ignorar a existência da ciência. Precisamos, isso sim, observar que nada, na estrutura e na linguagem da ciência, nos proíbe perceber o universo com reverência.

As cosmologias são uma questão de vontade e de visão. Se desenvolvermos uma atitude reverente com o universo, se articularmos formas de pensamento, percepção, comportamento que nos permitam caminhar na beleza, poderemos habitar um universo reverente. O universo será reverente porque assim o teremos feito. Será reverente desde que tenhamos a capacidade de interagir reverentemente com ele. Essa é a consciência ecológica. Ela trata de desenvolver e articular as capacidades que nos per-

mitam habitar um universo reverente e, enfim, viver em estado de graça.

O cosmos é divino para a mente divina e obtuso para a mente obtusa. Para um macaco, o cosmos tem tudo a ver com macacos. Estas proposições devem ser consideradas com toda seriedade, pois é a mente que governa o ingovernável universo. A ordem que se encontra no universo é aquela que a mente inventou; seus atributos são aqueles que a mente concebeu. O universo não é grande nem pequeno, não é maravilhoso nem feio. O brilho da mente é que preenche o vazio e faz o espaço divino.

Engatinhando no chiqueirinho cósmico

Mas para que o universo seja percebido como divino é preciso que pelo menos algumas mentes sintonizem com o sagrado e o divino. Como Pitágoras e Platão, que falaram da divindade, na Antiga Grécia. Como as mentes magnificamente sintonizadas que criaram os *Upanixades* na Índia ou a *Bíblia* no antigo mundo hebreu.

Essas mentes que projetaram sua divindade no cosmos ficaram tão encantadas com sua criação que decidiram atribuir sua divindade ao próprio cosmos: afirmaram que a divindade está no cosmos, especialmente depois de inventarem Brahma, Jeová e Deus, que conceberam como o Fundamento Absoluto do Ser, do qual tudo emana.

O que eu proponho é que a concepção natural da divindade ou o conceito noético da divindade como a mente (*nous*), seja a criadora de todas as ordens, incluindo a ordem divina e espiritual. A sacralidade é atributo da mente, não do cosmos. Por isso, só quando abordamos o universo com uma atitude reverente e o contemplamos pela mente que é sagrada é que descobrimos o universo sagrado.

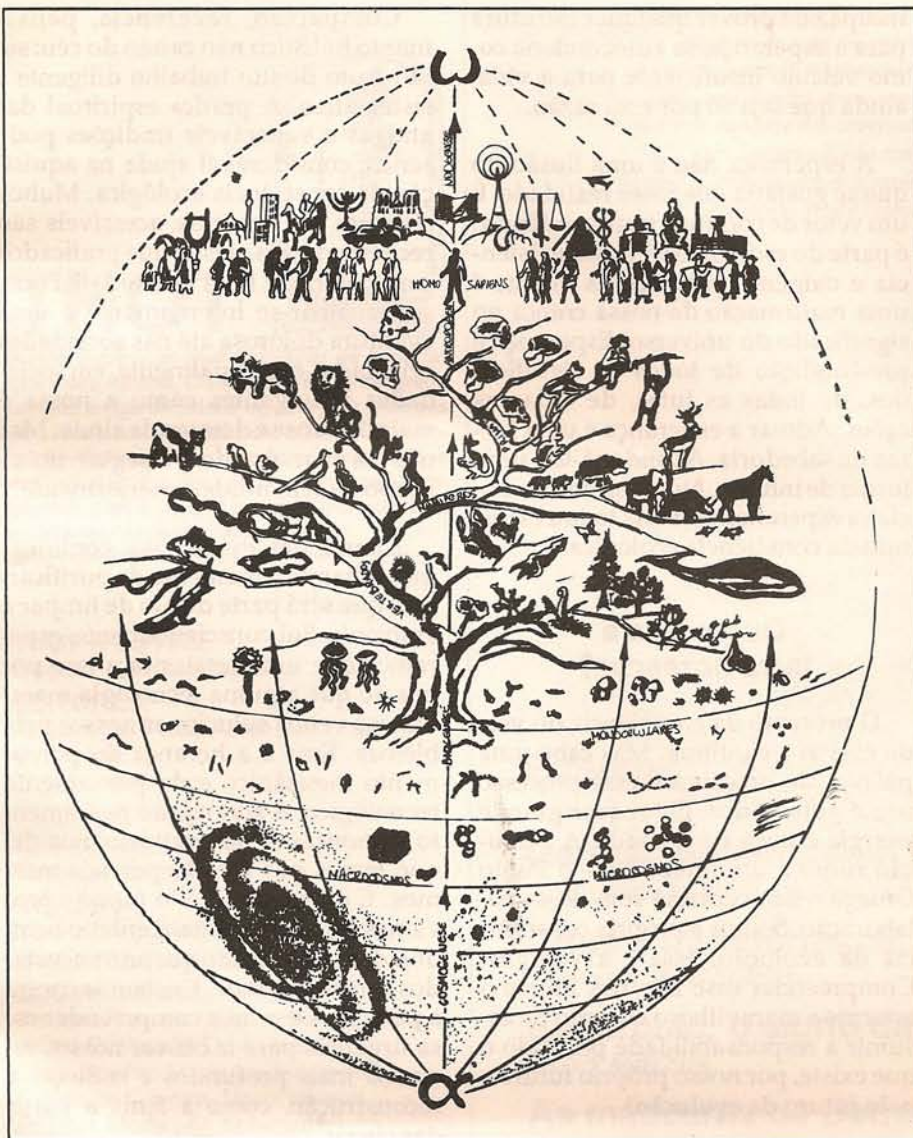
Tudo o que foi dito sobre reverência se aplica à espiritualidade (o quarto elemento de nossa mandala). Se assumirmos que o universo não contém nada além de matéria e que o

único modo de conhecê-lo é através do conhecimento físico, obviamente não vamos encontrar nele nenhum traço de espiritualidade: ela foi excluída pelas nossas hipóteses e pela nossa linguagem. Se, ao contrário, assumirmos que o universo é espiritualidade viva e que somos agentes espirituais, e agirmos de acordo com essas hipóteses, encontraremos amplas evidências de que o universo é transfísico e transbiológico, ou simplesmente espiritual, como pensaram muitas pessoas de inclinação espiritual ao longo da história – com a coragem de assumir que o universo é um lugar espiritual.

O universo produziu a vida para celebrar a si mesmo. Somos parte de sua glória. Não negamos nossa posição especial, nem somos indevidamente arrogantes por causa dela. Apenas aconteceu sermos parte do universo. Negar esse lugar especial ao *Homo sapiens* em nome da ideologia do antropocentrismo é uma tolice baseada numa nova forma de misantropia. De fato, é uma forma de arrogância humana invertida. A quintessência da evolução é que ela produz formas cada vez mais elevadas de vida, e nós estamos entre elas.

Em suma, a consciência ecológica é evolucionária por excelência. Por que a hipótese da evolução criativa é importante para a estrutura global da consciência ecológica? Por que compreender corretamente a evolução é importante para o sentido do futuro e para nosso destino?

Por três razões. Uma interpretação sensível da evolução leva-nos a concluir que o universo é quintessencialmente inacabado e nós somos essencialmente inacabados. Dessa constatação segue-se, com clareza, que iremos nos expandir, que o universo irá se expandir. Mais uma conclusão importante: temos outro lugar para ir; temos um estupendo futuro à nossa frente, ainda somos bebês engatinhando no chiqueirinho cósmico. Precisamos amadurecer e tomar mais resolutamente nosso destino nas mãos; devemos nos tornar menos estúpidos e menos vulgares, mais frugais e mais sábios. E isso que con-



**UMA SUGESTÃO VISUAL
ESQUEMÁTICA E CONVENCIONAL
DO UNIVERSO SEGUNDO
TEILHARD DE CHARDIN (1881 - 1955).**

Divergindo a partir do Alfa inicial, representam-se o domínio cósmico, a estrutura física do universo e o lugar do mineral. Rastreado a Evolução na Árvore da Vida, encontramos o feixe vegetal, a florescência animal com o mundo dos invertebrados e depois dos vertebrados, em que distinguimos os peixes, os anfíbios, os répteis e o ramo dos mamíferos, de onde brota o ramo dos primatas no qual se dá a explosão psíquica.

O plano horizontal no alto da ilustração procura sugerir a divergência sociológica e a convergência psíquica das pessoas na ascensão para Ômega.

cluímos, em primeiro lugar, quando fazemos uma interpretação inteligente da evolução.

Na via intermediária, a esperança

Uma interpretação inteligente nos leva a perceber, em segundo lugar, que a evolução é um agente divinizante – ela transforma a matéria em espírito. Alguns afirmam que a consciência deve estar presente na matéria e em todo o universo desde o princípio (se não, como ela poderia ter começado a existir?). Não aceito esse ponto de vista. A consciência é *emergente*. Passou a existir em certo ponto

do desenvolvimento da matéria. Mesmo que eu concordasse em que a consciência possa ter estado lá – profundamente escondida nas camadas interiores da matéria, esperando para ser libertada – ainda argumentaria que esse processo de libertá-la do cativeiro da matéria foi tão extraordinário e tão criativo, que podemos muito bem falar em criação e não em mera revelação da consciência.

Uma interpretação inteligente da evolução é importante ainda por outro motivo: ela nos habilita a formular o que gosto de chamar de *via intermediária* – aquela situada entre a consciência religiosa e a consciência tecnológica e materialista. A consciência

religiosa afirma que toda divindade e espiritualidade é dada por Deus e representa um reflexo da divindade de Deus. A consciência tecnológica e materialista afirma que a consciência é função da matéria e a espiritualidade e a divindade são ilusões ou ficções da mente humana. Nós afirmamos que a espiritualidade é um aspecto do desdobramento da evolução. Note-se que o darwinismo, que é uma extensão da visão de mundo materialista, não responde à questão de como a autoconsciência surgiu, nem explica a espiritualidade e o sagrado.

Ao propor a via intermediária, a consciência ecológica em nada difere do budismo que, sem evocar nenhu-

ma oração de Deus, afirma que somos criaturas espirituais e divinas e que através de nosso próprio trabalho e nosso próprio carma podemos alcançar níveis de elevada iluminação espiritual. Essa iluminação vem através da prática combinada da correta sintonização da mente e do desenvolvimento das capacidades psíquicas. Todos possuímos nossa própria divindade. Mas para libertá-la do cativeiro precisamos realizar um trabalho hercúleo de autopurificação e, então, harmonizar-nos com as formas mais evoluídas da consciência humana. De um modo ou de outro, em nossas vidas atribuladas tendemos a esquecer que todo progresso, especialmente o progresso evolucionário, tem sido realizado pelo cuidadoso desenvolvimento da consciência, que detém a chave de nosso futuro.

Enfim, a evolução criativa como um componente da consciência ecológica é importante por três razões no mínimo. Porque nos capacita a: 1. ver que somos essencialmente inacabados; 2. perceber o passado turbulento ao mesmo tempo que vislumbramos a imensa promessa do futuro; 3. seguir a via intermediária da divindade natural, dentro da qual nos concebemos como corpo e como espírito, racionais e místicos. Tudo dentro dos limites da evolução natural.

Há um elemento da consciência ecológica que não está na mandala mas é de importância vital: a esperança. Na Divina Comédia, Dante identificou a esperança com o céu e a desesperança com o inferno, em cujo portão se lê "Abandonai toda esperança".

A esperança é crucial para viver a vida com beleza e tão importante para nossa concepção do universo holístico e nossa atitude reverente com a vida, que deve ser parte da consciência ecológica. Quando a esperança se desintegra, tudo se desintegra.

Nossa consciência fracionada e atomizante criou o vácuo espiritual, em cuja esteira a desesperança naturalmente se insinua. Essa é uma forma de inferno – viver no mundo sem esperança. A consciência tecnológica,

incapaz de prover qualquer estrutura para a esperança, se autocondena como veículo insuficiente para a vida, ainda que seja só por essa razão.

A esperança não é uma ilusão do que se gostaria que fosse realidade. É um vetor de contínua transcendência; é parte do esqueleto de nossa existência e oxigênio para nossas almas; é uma reafirmação de nossa crença no significado do universo. Esperança é pré-condição de todos os significados, de todas as lutas, de todas as ações. Adotar a esperança é uma forma de sabedoria. Abandoná-la é uma forma de inferno. Num sentido essencial, a esperança permeia toda a estrutura da consciência ecológica.

Quem fará a terra florescer?

O processo da consciência do ver-de está aí e continua. Mas cabe uma palavra de precaução: esse processo não é automático. Ele requer grande energia e força de vontade. A evolução rumo a um final feliz – o Ponto Ômega – não ocorrerá sem nossa colaboração. Somos a própria consciência da evolução, essa é a verdade. Compreender esse fato nos impõe o enorme e maravilhoso encargo de assumir a responsabilidade por tudo o que existe, por nosso próprio futuro e pelo futuro da evolução.

Mudar a consciência humana, atualmente presa a hábitos mecanicistas, vai requerer algum tipo de revolução, conforme a define o dramaturgo Eugene Ionesco: "Revolução é uma mudança no estado de consciência". As revoluções que não funcionaram, aliás, incluindo a soviética, foram as que falharam em criar uma nova consciência.

Por que é tão difícil uma mudança de consciência no nível individual? Porque o organismo vê essa mudança como ameaça a sua identidade. Estamos confortáveis em nossos velhos nichos, quaisquer que eles sejam. Velhos nichos equivalem a estabilidade, uma nova consciência implica instabilidade, ao menos no início, mesmo que conduza à liberação e a uma nova liberdade a longo prazo.

Compaixão, reverência, pensamento holístico não cairão do céu: serão fruto de um trabalho diligente e sistemático. A prática espiritual das antigas e veneráveis tradições pode ser de considerável ajuda na aquisição da consciência ecológica. Muitos sistemas de ioga hoje acessíveis são recomendáveis, desde que praticados com critério. É bom que se saiba que, se trabalhar-se internamente é uma aventura dolorosa até nas sociedades orientadas espiritualmente, em sociedades indulgentes como a nossa é mais dolorosa e demorada ainda. Mas não há maneira de perseguir nossa proposta sem mudar interiormente.

Apesar das evidências, continuamos adiando o momento de purificar-nos, que será parte do ato de limpar o ambiente. Subconscientemente, esperamos que um messias faça isso por nós ou que alguma tecnologia maravilhosa venha solucionar nossos problemas. Essa é a herança do pensamento messiânico e do pensamento tecnológico. A herança do pensamento responsável, ao contrário, nos diz que temos que fazê-lo por nós mesmos. E devemos fazê-lo porque provamos que somos inteligentes e bem-dotados – sobretudo quando encostados contra a parede. E estamos contra a parede! Devemos compreender essa urgência para ir buscar nossos recursos mais profundos e começar a reconstrução, como a fênix a partir das cinzas.

Curar o planeta significa abordá-lo com atitude reverente, ver Deus manifestado nas múltiplas formas de vida. Consciência ecológica corresponde ao processo de re-sacralização do mundo. Precisamos limpar nossos ambientes. Mas também precisamos limpar nossas mentes, para que vibrem com energia espiritual. Só mentes compassivas e zelosas poderão trazer de volta o florescer da terra.

Henryk Skolimowski é professor de Filosofia da Universidade de Michigan, autor dos livros *The Theatre of the Mind*; *Eco-Filosophy, Designing New Tactics for Living*; *Eco-Theology, Toward a Religion for our Times*.

THOT é uma publicação que não se limita a acompanhar as mudanças de idéias e fatos.

THOT intervém nas mudanças, levando ao leitor as novas visões de mundo que surgem nas áreas da filosofia, das ciências, das artes, da mitologia e das tradições.

É nosso propósito refletir sobre a realidade interna e externa e compartilhar essa reflexão com nosso leitor: é ele o porta-voz dos novos rumos e aspirações que configuram o perfil de uma comunidade humana mais livre, responsável, compassiva e aberta.

Assim é **THOT**.

Participe conosco dessa aventura no mundo das idéias e dos fatos.



MATÉRIAS PUBLICADAS NAS 3 ÚLTIMAS EDIÇÕES



THOT 52 (especial)

Sua Santidade o Dalai Lama visita a América Latina – *José Ignácio Cabezon*
Responsabilidade universal – *Tenzin Gyatso, XIV Dalai Lama*
A visão do mundo através dos tempos – *Verônica Rapp de Eston*
Ecos do infinito – *Seyyed Hossein Nasr*
Xamanismo, mitologia pessoal e mudança de comportamento – *Stanley Krippner*
Diálogo sobre o despertar – *Pierre Weil e Walt Walton*
Individuação: de Jung ao Holos – *Roberto Crema*
Emergência espiritual e vício: uma abordagem transpessoal do tratamento do alcoolismo e do uso de drogas – *Jacquelyn Small*
No espírito da filosofia – *Jacob Needleman*
Proclamação dirigida à Federação Mundial de Psiquiatras reunida em congresso – *Carlos M. Martinez Bouquet*
Viagem para o amor – *Frei Patrício Sciadini, OCD*

THOT 53

As várias dimensões da paz e a sobrevivência da humanidade – *Ubiratan D'Ambrósio*
Thétis – *Ignácio da Silva Telles*
O grande aprendizado – *Tâ Hsio; Liki - Capítulo XLII*
O impacto da ciência sobre a visão do mundo – *Verônica Rapp de Eston*
Frithjof Schuon, um pensador para o nosso tempo – *Mateus Soares de Azevedo*
Cristianismo e budismo – *Frithjof Schuon*
Uma nova abordagem do trabalho com sonhos – *Roberto Ziemer*
A paz no espírito dos homens – *Pierre Weil e Maurício Andrés Ribeiro*
Alguns aspectos da tolerância e da intolerância na Índia – *Juan Miguel de Mora*



THOT 54

A mente aberta – *Charles T. Tart*
Ordem e "Progrêssio" – *Vanilson Lima*
Vaticínio existencial – *José de Anchieta Falleiros*
Uma abordagem realista do budismo tibetano – *Alexander Berzin*
E agora José, para onde vamos? – *Verônica Rapp de Eston*
O que é um xamã? Definição, origem e propagação – *Roger Walsh*
Valores éticos em ciência e tecnologia – *Pierre Weil*



*Natureza é cor
Natureza é vida
Natureza, mãe-terra*



Binhos defendendo as cores do Pantanal.

BINHOS
FOTOLITO

Rua Miguel Teles Junior, 431
Fones: (011) 270-9609 / 270-9500
01540 - São Paulo - SP